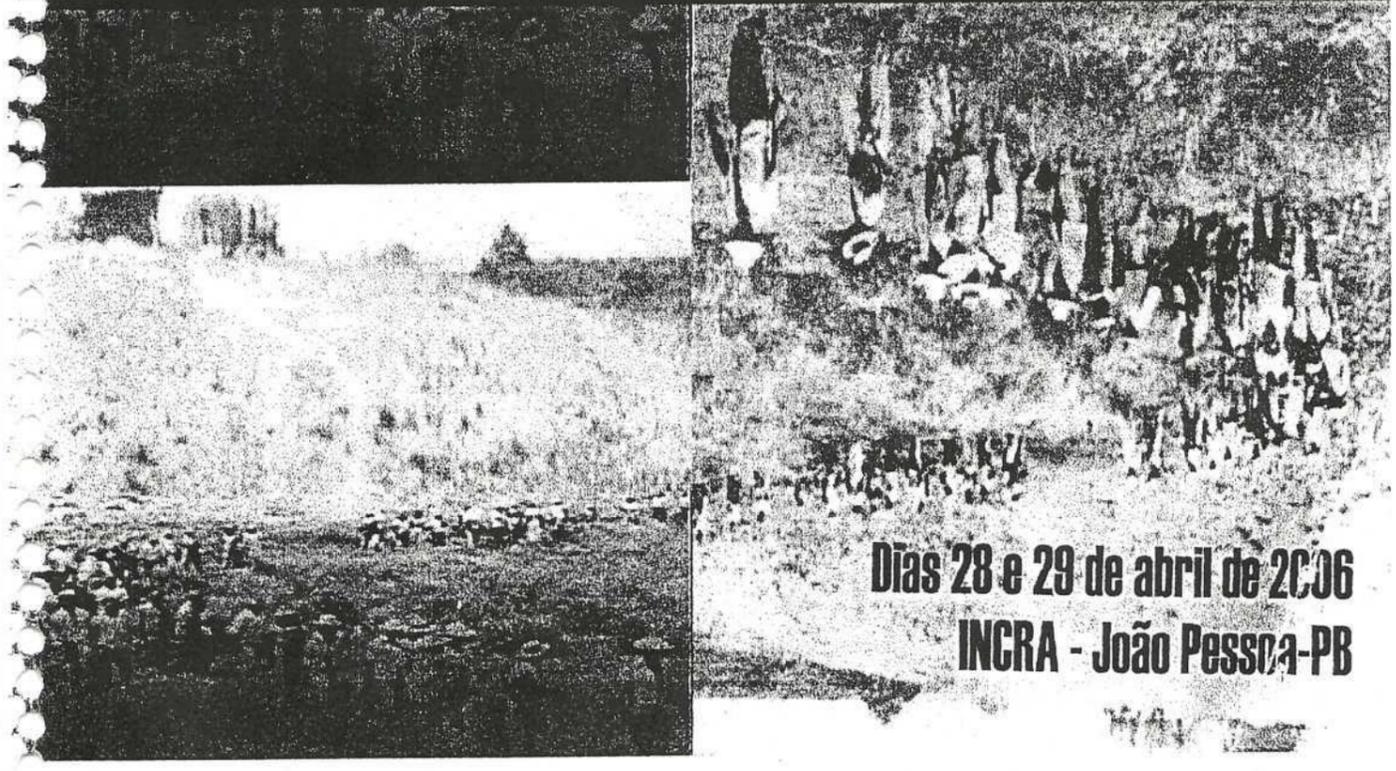


SEMINÁRIO MEMÓRIA CAMPONESA



Dias 28 e 29 de abril de 2006
INCRA - João Pessoa-PB

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA

**APANhado TAQUIGRÁFICO DO SEMINÁRIO MEMÓRIA DAS LIGAS
CAMPONESAS NA PARAÍBA REALIZADO NO DIA 28 E 29 DE ABRIL DE
2006**

A SENHORA PRESIDENTE MARILDA MENEZES:

Bom-dia a todos.

Nós vamos iniciar, apesar de que ainda faltam alguns companheiros chegarem. Estão faltando alguns companheiros que vieram do Rio, de Pernambuco e do Rio Grande do Norte, mesmo assim nós vamos iniciar para não atrasar os trabalhos.

Primeiro de tudo nós queremos agradecer imensamente a presença de todos e dizer da nossa imensa alegria e emoção de ter todos, presentes, aqui. Bom, Waldir está me lembrando que eu tenho que me apresentar, estamos abrindo o seminário. Meu nome é Marilda Menezes, sou professora da Universidade Federal de Campina Grande, sou da área de Sociologia, sou professora do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-Graduação de Sociologia e sou uma das pessoas que ajudaram, num coletivo de pessoas que trabalhou com muita dedicação, com muita emoção, para a gente conseguir juntar essas lideranças das Ligas Camponesas dos anos 60.

Escolheram-me para fazer a abertura, mas o encontro não teria sido possível sem o enorme esforço de um grupo grande de pessoas que se envolveram, dedicou tempo e lutou para que nós pudéssemos realizar esse evento.

Eu queria agradecer a presença de todos e perguntar quais os municípios que estão com lideranças participantes das Ligas presentes aqui? Se faltar algum município que eu não tenha registrado, vocês, por favor, digam: companheiros do município de Sapé que foram participantes das Ligas (aplausos);

Divisão de Tradução e Revisão Taquigráfica

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA

chegaram; companheiro de Cruz do Espírito Santo; de Alhandra chegou alguém? Ainda não. Ainda vai chegar.

Bom, além dos companheiros camponeses que foram lideranças e participaram dos anos 60, nós temos a presença de várias outras entidades e pesquisadores, estudantes, políticos, imprensa. Nós queríamos agradecer imensamente a presença de todos e dizer da emoção de termos todos nós reunidos aqui, hoje. Queremos agradecer também a presença dos companheiros Sem-Terra que estão acampados no INCRA, desde domingo, dia 16, não é isso? É isso mesmo? Desde o dia 16 e que vieram aqui compartilhar a Luta Camponesa do presente com essa Memória das Ligas Camponesas.

Queria dizer um pouco qual o objetivo do seminário. O objetivo do seminário é justamente registrar a Memória das Ligas Camponesas da década de 60, porque nós sabemos, muitos já faleceram, que essa memória continua viva, na segunda geração, na terceira e continua viva e muito forte na memória dos que ainda estão vivos. E o que nós sentimos é que se passaram 40 anos daquele movimento histórico tão importante, que nós entendemos ser um dos movimentos históricos mais importantes do século XX no Brasil e muitos daqueles trabalhadores, camponeses, intelectuais que participaram, nós não temos o registro, seja em fita, seja o registro escrito das suas lembranças, da sua experiência, da sua vivência. O objetivo do encontro é registrarmos a experiência, a vivência, seja das lideranças, seja de seus familiares, seja dos seus amigos, porque nós entendemos que a história do Brasil, ela não é só as histórias das elites, mas ela é a história de cada homem comum, de cada homem que não tem o nome como herói, cada homem por mais simples que seja ele é um construtor da história do Brasil. Então, o espírito desse encontro é nós até pensarmos em construir, pensarmos que a história do Brasil é uma outra que não seja da elite, ela é muito, muito mais ampla e ela é construída muitas vezes até no silêncio. As vezes, até no silêncio ela é construída e, como aconteceram com as lideranças das Ligas, elas tiveram que silenciar para sobreviver, para garantir a sua própria vida.

Divisão de Tradução e Revisão Taquigráfica



ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA

sentido eu vou fazer alguns agradecimentos aqui, mas queria dizer mais um pouquinho, como esse encontro hoje se realiza, a iniciativa de quem partiu.

Na verdade, essa idéia do registro da Memória das Ligas, ela é um sonho muito antigo, de muitos de nós, não é ErnOia? - estou olhando para a Professora Emília - tem muito de nós. Eu poderia citar inúmeros pesquisadores, jornalistas, camponeses que escreveram também a sua história, que queriam deixar para as outras gerações um registro de memória. Mas, esse encontro foi possível, vinculado a um esforço, a uma motivação do Professor Moacir Palmeira, do Rio de Janeiro, que também se envolveu com outros três encontros, desse mesmo tipo, que ocorreram no Rio de Janeiro em 2004 - lá também se reuniu um grupo de lideranças da década de 60 e eles realizaram o mesmo tipo de encontro. O outro encontro que houve, no ano passado, em Pernambuco, na FETAP, organizado pela Federação dos Trabalhadores de Agricultura em Pernambuco, e houve um outro encontro, também, no Rio Grande do Norte. Então, nós estamos fazendo hoje o quarto encontro que está nesse envolvimento de registrar essa memória. Como eu disse, ele só foi possível por conta de um coletivo de professores e pessoas que participou da organização.

Queria mencionar aqui: o Professor Belarmino Mariano Neto, da UEPB de Guarabira; o Doutor Genaro Ieno Neto, que não está aqui, está dando aula, mas vai chegar em breve e também tem uma contribuição muito importante; Doutor Ivan Targino; Doutora Emília Moreira, da Geografia da UFPB; eu mesmo ajudei um pouquinho; Waldir Porfírio, que é da Associação Paraibana de Imprensa. Gostaria de mencionar também a contribuição, embora não esteja no folder, da Irmã Toni, que é uma pessoa muito presente nas Lutas Camponesas da Paraíba e que já vem realizando, há alguns anos, o trabalho de memória. Ela já entrevistou cerca de 50 pessoas, não é Irmã Toni? 50 a 60 lideranças das Ligas ela entrevistou, está trabalhando nesse material e logo, logo, ela e um grupo de professores publicarão um livro. Então, a Irmã Toni deu uma contribuição ótima, excelente, de localizar as pessoas, trazer as pessoas para cá.

Divisão de Tradução e Revisão Taquigráfica



ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
CASA DE EPITÁCIO PESSOA

Eu queria registrar o apoio: da Prefeitura Municipal de João Pessoa; do Núcleo de Estudos Agrários (NEAD), do Ministério do Desenvolvimento Agrário; do Centro de Humanidade da UFCG. Mais uma lista de pequenos apoios, mais muito importante, fundamental. O apoio da Assembleia Legislativa, por nos permitir o uso do auditório, na pessoa do Senhor Félix Araújo, secretário Legislativo da Assembleia Legislativa; também agradecer a gravação do encontro pela TV Assembleia, que está fazendo a gravação ao vivo, do encontro. Agradecer também o mestrado em Economia da UFPB; a pós-graduação em Sociologia da UFPB e UFCG; a pós-graduação em Educação; Núcleo de Saúde Coletiva; Centro de Ciências Sociais Aplicadas; Frei Anastácio, deputado estadual; o laboratório de Geografia da Paraíba (LOGEPA); o LMT51 da UFPB que está filmando; o Grupo de Memória da UFCG que também está filmando o evento. Queria dizer a vocês que este folder bonito é a arte de Vinícius Lima Nunes e do Fábio Ronaldo da Silva. Foram eles que montaram esse folder muito bonito e a fotografia é uma fotografia de trabalhadores entrando na fazenda para negociar com os donos das terras o fim do “cambão”. A fotografia foi tirada do livro do Dr. Assis Lemos, “O Vietnã Que Não Houve”. Então, nós agradecemos também a cessão da fotografia retirada do livro dele.

Bom, nós queríamos rapidamente compor a Mesa, para uma pequena abertura, bem pequena, para nós iniciarmos rapidamente os debates: o Dr. Assis Lemos, ex-deputado estadual, cassado pela ditadura militar; o Senhor Francisco Barreto teve que sair agora; o sindicalista Beija-Flor, da Federação dos Trabalhadores de Pernambuco; o Senhor Félix Araújo, secretário Legislativo da Assembleia Legislativa, a quem agradecemos a cessão do auditório e no qual estamos realizando o encontro.

Nós daremos a palavra ao Dr. Assis Lemos e depois ao sindicalista Beija-Flor para fazerem uma pequena abertura porque logo em seguida o Dr. Assis Lemos participará da primeira Mesa.

Então, passamos inicialmente a palavra ao Dr. Assis Lemos.

O SENHOR ASSIS LEMOS:

Divisão de Tradução e Revisão Taquigráfica



ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
 CASA DE EPITÁCIO PESSOA

companheiros de luta daquela época. Foi uma luta muito séria, uma luta que, afinal, conquistou muitas vitórias. Na Paraíba não se tem parte igual, as conquistas que as Ligas

Camponesas fizeram para a Paraíba: postos médicos, com remédios, enfermeiros, médicos 24

horas de plantão para assistirem aos camponeses. Naquela época foram sete postos para os

municípios onde situavam as Ligas Camponesas; três hospitais: um em Cabedelo, outro em

Campina Grande e outro que seria construído em Sapé; posto do SAPS. A vinda de figuras

ilustres que vinham diretamente de países da Europa, dos Estados Unidos e de tantos lugares,

que vinham para conhecer a Paraíba, conhecer as Ligas Camponesas e visitar especialmente a

cidade de Sapé. Aqui estiveram o Presidente da República João Goulart; o Ex-Presidente

Juscelino Kubitschek esteve em Sapé; a mãe do Ernesto Che Guevara passou dois dias na

Paraíba conhecendo as Ligas Camponesas e a situação do campo no nosso estado.

¹ Então, para mim que participei, deste o primeiro momento, junto com Pedro”7

Fazendeiro, com João Alfredo, João Pedro Teixeira, um velho companheiro que participava

também e eu nem me lembrava mais do nome, Walter Acioli, que foi tesoureiro da Liga

Camponesa de Sapé. Todos aqueles companheiros e iniciamos a luta subindo nos tamboretas,

nas feiras das cidades do interior para exatamente convidar os camponeses para

Divisão de Tradução e Revisão Taquigráfica

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA

Elizabeth Teixeira, as irmãs de João Alfredo e as filhas de Pedro Fazendeiro. Todos vocês sabem que esses dois companheiros foram os primeiros desaparecidos no Brasil, depois do golpe de 64. Eram os meus companheiros de prisão. Eu sei o que aconteceu antes e até a hora em que disseram que eles tinham sido soltos e até hoje

Então, companheiros, essa oportunidade que me está sendo dada, de não só recordar as lutas das Ligas Camponesas, mas também dizer para a população de hoje que nenhum país do mundo conseguiu progredir sem fazer a sua reforma agrária. Nenhum país. Quem não fez a reforma agrária está no atraso. O Brasil fez, / março de 1964, mas o golpe, no dia 31, liquidou essa reforma agrária, que teria sido a grande salvação para o povo brasileiro. Hoje nós não teríamos mais as favelas porque aquela população que saiu do campo e foi para a cidade se transformou em favelado, na pobreza, e isso não teria acontecido se a reforma agrária tivesse sido realmente

Meus companheiros, meus amigos é uma satisfação muito grande em dirigir

essas rápidas palavras, neste momento, nesta reunião. (Aplausos).

A SENHORA PRESIDENTE MARILDA MENEZES:

Obrigada, Dr. Assis Lemos.

Passamos a palavra, uns cinco minutos também, ao sindicalista Beija-Flor, da FETAP, para ele contar um pouquinho do encontro de Memória Camponesa que foi realizado o ano passado, em Pernambuco.

O SENHOR SEVERINO DOMINGOS DE LIMA: (Beija-Flor)

Bom-dia para todas e todos; companheiros e companheiras; a Professora Marilda, Waldir, em nome de quem saúdo os demais que estão na Mesa.

Eu queria externar a alegria e o prazer de estar aqui com vocês. Eu sou Severino Domingos de Lima, conhecido por Beija-Flor sou poeta repentista e sou secretário de Organização e Formação da FETAP (Federação dos Trabalhadores Rurais de Pernambuco).

Eu queria passar um pouco para vocês, também, como foi organizado o nosso encontro em Pernambuco, nos dias 24 e 25. Eu queria, antes de tudo, dizer

Divisão de Tradução e Revisão Taquigráfica

^SSílitr-' '

ESTADO DA PARAÍBA

eu e mais um companheiro e uma companheira. O companheiro Ronaldo, de Pernambuco, da federação, e a companheira Elaine, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Pau-d'Alho. O nosso encontro também teve a iniciativa do companheiro Moacir Palmeira. Esse grande companheiro que estuda, acompanha e entra na luta dos camponeses, e muitas vezes, com ele, na Paraíba, no Rio Grande do Norte, fizemos presença nas greves dos trabalhadores canavieiros. Moacir Palmeira é um irmão, é um grande companheiro. E também através do companheiro José Francisco da Silva e Zefinha, sua esposa. José Francisco ex-presidente da Contag (Confederação Nacional) e um lutador de Pernambuco, da federação de Pernambuco também. Foram eles que deram a iniciativa e estimularam a gente, da federação, a fazer esse encontro em Carpina. Até então, a gente tem companheiros que escrevem algumas coisas das lutas da gente, mas fica no papel, não se publica, não se leva à frente para que a nova geração tome conhecimento disso e através desses dois companheiros, José Francisco e Moacir, nós conseguimos fazer com que a federação entendesse a importância de realizar esse encontro. Começamos a convidar aqueles companheiros que lutaram antes da década de 60, ou seja, desde 50. Companheiros que estavam no Rio de Janeiro, companheiros que estavam em São Paulo, companheiros que estavam em Brasília, companheiros que estavam em Pernambuco junto com a gente, no Rio Grande do Norte, então foi um encontro muito bom. Eu tenho certeza que a alegria que vocês estão sentindo hoje de estar reencontrando os camaradas, os companheiros daquela época e companheiras, nós sentimos naquele dia, em Pernambuco. Era abraço de durar quase quinze minutos, as lágrimas saíam dos olhos dos companheiros e das companheiras, pela emoção de estar se vendo novamente e lembrar do que passaram junto, na prisão, por dentro dos matos. Nós estamos muito felizes, nós somos os artistas desse filme e estamos aqui, porque muitos companheiros e companheiras gostariam de estar aqui com a gente e não estão. Estão só iluminando esse caminho para gente continuar a luta daqueles que foram embora.

O encontro foi muito bom. Tiramos um documentário muito bom, que

Divisão de Tradução e Revisão Taquigráfica

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA

de estar aqui presente com vocês, é muito grande. A gente fica muito agradecido e deseja muito sucesso a todos, nesse encontro. (Aplausos).

A SENHORA PRESIDENTE MARILDA MENEZES:

Agradecemos ao Beija-Flor.

Nós ainda queremos registrar a presença de mais algumas pessoas: Simão Almeida, ex-deputado estadual; Senhor Luiz Guimarães; Instituto Histórico Geográfico da Paraíba; Professora Socorro Rangel, que é uma estudiosa das Ligas Camponesas; Deputado Zenóbio Toscano, que foi quem organizou, ou deu apoio aos processos de indenização das lideranças e para os familiares das Ligas Camponesas; Senhor Elias Quirino, de Alhandra, e sua esposa - nós agradecemos a vinda do Senhor Elias, que foi liderança das Ligas de Alhandra; Maria do Carmo Aquino; Professora Gislaine; Júlio César Oliveira, secretário-geral do Partido Socialista Brasileiro; Alba Lúcia, secretária do PSB, João Pessoa.

Bom, além disso, agradecemos a participação de vários estudantes que vieram do Rio, de João Pessoa, de Campina Grande. Tem duas alunas que vieram da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, de João Pessoa, de Guarabira, de Campina Grande. Vários professores que se dedicam ao tema das Lutas Agrárias e dos Movimentos Sociais. Nos perdoem se faltaram vários nomes, mas não podemos dar conta de tudo. Enfim, agradecemos a presença de todos.

O MST gostaria de fazer uma mística, mas eles mesmos pediram para, no início da tarde, fazer uma pequena mística, tentando celebrar este momento de encontro entre as Lutas Camponesas da década de 60 e do momento atual.

Vamos desfazer essa Mesa e já chamar para compor a primeira Mesa do encontro. Eu vou passar para o coordenador da Mesa seguinte, ele fará isso, que será a Mesa intitulada "As Ligas Camponesas em Sapé e na Paraíba", que será coordenada pelo Waldir Porfírio, da Associação Paraibana de Imprensa.

Divisão de Tradução e Revisão Taquigráfica

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA

AS LIGAS CAMPONESAS EM SAPÉ E NA PARAÍBA

O SENHOR PRESIDENTE WALDIR PORFIRIO DA SILVA:

Bom-dia a todos e todas, aqui presentes.

Gostaria de chamar para compor a Mesa, a gente está um pouco atrasado: o Doutor Assis Lemos, que já está aqui, é ex-deputado estadual e ex-presidente da Federação das Ligas Camponesas da Paraíba, autor do livro “O Vietnã Que Não Houve” (aplausos); a guerreira, eterna lenda do Movimento Camponês, a querida Elizabeth Teixeira (aplausos); a companheira Marina Dias, irmã de Nego Fuba, que acompanhou com o companheiro Nego Fuba as Ligas e teve que deixar a Paraíba e ir morar no Rio, perseguida que foi, após o golpe militar — a companheira Marina veio do Rio de Janeiro para participar desse encontro (aplausos); Neide Araújo, filha de Pedro Inácio de Araújo, o nosso Pedro Fazendeiro, que foi uma das grandes lideranças e um dos primeiros desaparecidos políticos do Brasil - está presente também a irmã dela, a Naujea Araújo (aplausos).

Bom, composta a Mesa, vamos passar agora para Assis Lemos, que é o primeiro palestrante, que terá o tempo de trinta minutos para fazer a sua exposição.

O SENHOR ASSIS LEMOS:

Meus amigos, aproveito esta grande oportunidade para relembrar não só para os velhos companheiros que estão aqui e que lutaram juntos nas Ligas Camponesas da Paraíba, mas também para todos os que aqui se encontram, interessados em saber a história daquela luta grandiosa que aconteceu na Paraíba.

Como falei inicialmente, o início da Ligas Camponesas se deu exatamente de uma forma simples: Sapé, João Pedro Teixeira, Pedro Inácio de Araújo, João Alfredo Dias, Alfredo Nascimento, do engenho Miriri, e tantos outros companheiros começaram um movimento tentando organizar os camponeses, na

Divisão de Tradução e Revisão Taquigráfica

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA

Camponesas da Paraíba, organizando e dirigindo os camponeses do município de Alhandra e daquela região da Paraíba. O que acontecia naquele tempo? Os velhos companheiros sabem, a juventude de hoje possivelmente não sabe. Na Paraíba, no campo, sobretudo aqui na Várzea, o trabalho do homem era o trabalho gratuído, o chamado “cambão”, em que o trabalhador, para morar em uma fazenda, tinha que dar dois, três, quatro até cinco dias de trabalho de graça na fazenda para poder plantar ao redor do seu casebre, alguma plantação, criar uma j

galinha, um porco, enfim, cultivar alguma coisa para a sua sobrevivência, e para isso i
precisava trabalhar de graça alguns dias por semana, não só ele, como a sua mulher, os
seus |

filhos, que pudessem fazer algum tipo de trabalho na fazenda. Tudo aquilo que ele produzia, a partir do ovo da galinha, não era possível levar para a feira da cidade, tinha que entregar no barracão da fazenda e tudo aquilo que o camponês precisasse, também tinha que ir buscar no barracão da fazenda, e nessa relação não entrava dinheiro. Quantos companheiros, quantos camponeses, naquela época, a gente encontrava já com o cabelo branco, que nunca tinha botado uma moeda no bolso porque o seu trabalho, o seu relacionamento era esse, era a troca daquilo que produzia por aquilo que tinha no barracão da fazenda.

Em Rio Tinto, onde era cobrado o maior “cambão”, na Paraíba, toda a terra pertencia ao grupo Lundgren, até a casa do padre era do grupo. Então, os trabalhadores trabalhavam cinco dias por semana de graça e tinham que fazer o relacionamento com o barracão. E o que acontece? No dia em que um camponês precisasse sair do município para ir a outro lugar, era preso. Por que era preso? Porque estava devendo no barracão da fazenda.

o camponês, como ia saber se estava devendo ou não ao barracão, se a grande maioria não sabia ler nem escrever? E pelo fato de que grande parte dos camponeses não sabia ler nem escrever, surgiu em João Pessoa, e aqui estão algumas

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA

sabia o que estava escrito. Então, essa campanha de alfabetização foi uma coisa espetacular, foi uma grande conquista que os camponeses da Paraíba tiveram, que era exatamente de acabar com o analfabetismo no nosso campo.

Então, a luta maior foi exatamente acabar com o “cambão”, acabar com o trabalho de graça. O camponês pagaria o foro da terra, o aluguel da sua casa, mas receberia na base do salário, da época, o trabalho que ele desse na propriedade. Quando se faziam as contas, o camponês ia verificar que estava sendo violentamente explorado pelo dono da terra, no relacionamento do barracão. Então, o camponês, sabendo disso, passou a lutar contra o “cambão”. O início da Liga foi exatamente isso Quem começou isso, subindo nos tamboretos, [/nas feiras, para fazer o discurso, falar com o? camponeses? João Pedro Teixeira, Pedro j Fazendciro, N^oJZuba^ju^efa-e^>rado-Ldas Ligas Camponesas de Sapé. era quem convencia i foram se convencendo disso e nesse boletim que vocês estão na mão, esses camponeses andando no campo, eram os camponeses das Ligas que estavam organizados para irem de fazenda em fazenda acabar com o “cambão”. Saía aquele grupo de camponês, ia à fazenda, cercava a casa do dono da terra e ia negociar para, a partir daquele instante, acabar com o trabalho gratuito na propriedade^ Assim foi se conseguindo uma vitória atrás da outra, até que houve uma reunião, em João Pessoa, entre um grupo de proprietários e as Ligas Camponesas, onde o governo conseguiu um acordo, que a partir daquele dia estava acabado com o “cambão” na Paraíba. Quem conseguiu isso? Que grande vitória foi essa? As Ligas Camponesas. O engenho que primeiro se organizou foi o engenho Miriri, que tinha o companheiro Alfredo Nascimento como líder de todos aqueles companheiros. Todos os camponeses de Miriri participavam das Ligas. Todos. Alfredo foi ameaçado de morte, veio a [João Pessoa e aqui, jornalistas, líderes sindicais, líderes dos estudantes, todos se organizaram eu estava presente também - e fomos à casa do Governador Pedro Gondim, que era o governador da época, estava morando em Tambaú, nós fomos lá, com o Alfredo, para pedir garantia de vida para que ele pudesse voltar ao seu trabalho. O governador deu a garantia, /chamou o comandante da Polícia, o secretário de Segurança e disse que a partir daquele instante Alfredo Nascimento

Divisão de Tradução e Revisão Taquigráfica

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA

l administrador, que era um sargento da Polícia, partiu para cima dele, atirou e matou o j l Alfredo. Foi o primeiro líder camponês morto na Paraíba, dessa forma, e ele era um grande / líder que tinha conseguido que todos os camponeses, quase 700, 800 camponeses que moravam no engenho de Miriri, se associassem à Liga Camponesa de Sapé. A partir daí a luta contra o “cambão” se intensificou^

No sertão da Paraíba, o que acontecia no campo? Era, sobretudo, na cultura do algodão. O trabalhador e a sua família plantavam o algodão até a colheita e teriam direito ou a metade, ou a terça parte da produção do algodão para eles, o resto ficava para o proprietário, mas na hora de pesar o produto do camponês, isso nós descobrimos no município de Sousa, em uma visita dos estudantes de Agronomia a uma fazenda, em Sousa. Quando chegamos lá, tinha uma fila enorme de mulheres, homens, tudo com um saco cheio de algodão colhido para pesar em uma balança que estava lá, no meio do campo. Pesavam, o peso era uma pedra. Essa pedra aqui tem dois quilos, essa aqui tem três, essa aqui tem um e quando terminou, um estudante de Agronomia disse: “espere aí, quantos quilos tem essa pedra?” O fazendeiro disse: “tem dois”. “E essa aqui?” “Essa aí tem um”. “E essa outra?” “Um também”. Aí ele botou a pedra de dois quilos no prato da balança e as outras duas no outro, vocês já viram a diferença que deu. Isso mostrava que até no peso do algodão colhido pelo trabalhador, ele era roubado, ele era enganado.

^as usinas da Paraíba, não sei se os antigos companheiros se lembram, quando o trabalhador cometia algum erro - um erro para o usineiro, não um erro para o camponês - ele era colocado dentro de um tanque d’água; um tanque cheio d’água, botava o camponês com água até o pescoço, trancava o tanque e o camarada podia ser condenado a um dia, a dois, a três para ficar com a água até o pescoço. Se o camponês não resistisse e se afogasse, l morresse, não tinha problema, abria o tanque, tirava o cadáver e enterrava. Era isso o que ^ acontecia na Paraíba^Era uma violência, uma coisa tremenda. E foi isso que os camponeses paraibanos fizeram, para se organizar, lutar e acabar com essa exploração. Os camponeses paraibanos não só acabaram com o “cambão”, mas também a luta na Paraíba que fez com que o Presidente João Goulart, no dia 13 de

Divisão de Tradução e Revisão Taquigráfica

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA

Brasil. E que reforma agrária era essa? Dez quilômetros de cada lado da estrada federal, rodovia ou estrada de ferro, ou ferrovia, ou açude também federal. Ao lado dessas estradas, ao lado desses açudes dez quilômetros foram desapropriados para que os camponeses pudessem plantar.

A Sudene, no Nordeste, que tinha como diretor o Celso Furtado, tinha, antes dessa reforma agrária, iniciado quase que uma reforma agrária na estrada que liga João Pessoa a Recife. Aquelas áreas pequenas tinham o quê? 10 ou 20 metros, não sei quantos metros tem entre a estrada e a cerca das propriedades em torno da estrada. Essa área pertencia ao órgão que cuidava da estrada federal. Pois bem, essas terras pertenciam ao país e não tinham dono e o Celso Furtado, com a Sudene, começou a fazer plantação de fruteiras: bananeiras, laranjeiras, abacateiro, uma porção de coisas na estrada que liga João Pessoa a Recife, e a produção, qualquer pessoa, qualquer camponês, qualquer pessoa, podia colher aqueles frutos para a sua alimentação. Então, vocês imaginem, dez quilômetros ao lado das estradas em que os camponeses pudessem ficar e plantar, o que teria sido para nosso país? Primeiro, nenhuma família camponesa ia sair da terra para ir morar nas favelas do Rio de Janeiro ou de São Paulo. Os seus filhos teriam se educado e seriam hoje pessoas formadas, médicos, engenheiros, advogados e etc. Mas como não deixaram haver a reforma agrária, o golpe de 64 acabou com a reforma agrária, essas famílias saíram do campo e foram morar em qualquer favela, em qualquer lugar. E como não tinham emprego, os seus filhos passaram para a violência, para tanta coisa que acontece hoje, no Brasil. Se tivesse sido feita a reforma agrária, esses homens teriam ficado no campo. Em cada 100 brasileiros, 80 moravam no campo, naquela época, só 20 moravam na cidade. Hoje é o contrário, 80 brasileiros moram na cidade e só 20 ficaram no campo. Então, se tivesse havido a reforma agrária, isso não teria acontecido. As cidades teriam alimentos, a população alimentada, empregos e tantas coisas teriam acontecido se, de fato, aquilo que os camponeses lutaram, através das suas Ligas, tivesse sido executado, como foi realmente conseguido, através da reforma agrária que João Goulart assinou.

As Ligas Camponesas da Paraíba, como eu disse, conseguiram esses

Divisão de Tradução e Revisão Taquigráfica

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA

pancada só, foram nomeados 56 médicos na Paraíba, fora os motoristas, fora os enfermeiros, fora as pessoas que iam trabalhar nesses postos do chamado SANDU, que daria remédio, tratamento, assistência médica, tudo de graça para o homem do campo. Pois bem, quando foi nomear os médicos, o Presidente João Goulart disse que os nomes seriam indicados pelas Ligas Camponesas. Então, a Liga de Sapé, de Santa Rita, de Mamanguape, de Rio Tinto, de Guarabira, etc., reunia e indicava não só os médicos, mas também o motorista, o enfermeiro, esses todos. Então, vocês imaginam que a Paraíba, naquela época, tinha dois ministros no governo: o ministro da Justiça e o ministro do Trabalho, Aberlado Jurema e Fernando Nóbrega; dois senadores importantes, naquela época, dirigentes de partidos políticos: o Senador Rui Carneiro e o Senador Argemiro de Figueiredo. E os deputados federais que compunham a nossa bancada e os senadores, quando eles souberam que iam ser nomeadas, essas quantidade de médicos e de pessoas na Paraíba, correram ao presidente para ele dizer como é que eles iam explicar aos seus eleitores, na Paraíba, que não tinham conseguido nomear um motorista, quanto mais médico, e aquilo seria um desastre político para todos eles. Mas a pressão das Ligas era tão grande, a força das Ligas era tanta que o Presidente João Goulart manteve a palavra e nomeou todos os membros desses postos indicados pelas Ligas Camponesas. Nenhum político paraibano conseguiu nomear, sequer, um motorista de uma dessas Ligas. Foi uma grande vitória conquistada, por quê? Porque os camponeses estavam organizados. Você chegava no interior e ia encontrar quase todo que tinham fazenda e todos os camponeses estavam associados à sua Liga porque estavam conquistando essas vitórias. As visitas de pessoas do mundo inteiro, jornalistas que vinham da Europa, da Ásia e vinham para cá para conhecer o que estava acontecendo no Nordeste, essa coisa espetacular que a conquista das Ligas Camponesas estavam fazendo.

Então, companheiros, a grande luta, hoje, no campo, em nosso país, é exatamente conquistar novamente a reforma agrária e a reforma agrária não irá beneficiar apenas o trabalhador do campo. Irá beneficiar todo Brasil porque uma reforma agrária vai produzir alimentos, e que alimentos são esses? Aqueles que a

Divisão de Tradução e Revisão Taquigráfica

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA

alimentos baratos para ele e que se ele participar da luta, ele é que vai dizer o que devem ser plantados próximos as cidades. A reforma agrária, hoje, não tem que ser feita no fim do mundo; tem que ser feita junto dos grandes centros, onde a população precisa de alimentos. Então, é isso que tem que ser a luta de hoje para conquistar uma reforma agrária de interesse de toda a população brasileira.

Hoje, a agricultura brasileira mudou tanto que não se encontra mais, no Brasil, nenhuma firma, nenhuma empresa que produza adubo, semente, máquina agrícola, inseticida, etc., nenhuma, nenhuma no Brasil que seja de brasileiros, tudo é de estrangeiro. Então, vocês vejam a que ponto nós estamos, hoje, no nosso país, tudo depende dos grupos internacionais. Então, é preciso, urgente, que seja feita essa reforma agrária no nosso país, e hoje, todos aqueles que lutam pela reforma agrária têm que imediatamente conquistar a opinião da cidade para a reforma agrária.

tempo das Ligas, que a maioria estava no campo, mesmo assim, os j
camponese, todos os domingos, saiam de Alhandra, Sapé, Santa Rita, Mamanguape, Guarabira e de qualquer uma das Ligas e vinham para João Pessoa, para a Torre, Oitizeiro que é um bairro aqui da cidade, Mandacaru. A população estava avisada, domingo a Liga Camponesa, o pessoal da Liga vem para cá para ajudar a consertar o que estava acontecendo nas casas - eles vinham para cá, cortavam as folhas de coqueiro, cobriam as casas da população da cidade. Então, o camponês, mesmo na pobreza, sem ter um tostão no bolso, vinha para fazer um serviço para a população pobre da cidade. Em troca queriam o quê? Queriam o apoio da população para a sua luta, para a luta pela reforma agrária. E naquele tempo, como eu disse, de cada 100 pessoas, 80 estavam no campo, só 20 na cidade, e as Ligas Camponesas conquistaram o apoio da população da cidade. Vocês não imaginam quando se marcava uma concentração, como houve em 1º de maio, como houve com a vinda do Presidente João Goulart à Paraíba, quantos milhares e milhares de camponeses que vinham do interior e enchiam a Lagoa, o Ponto dos Cem Réis, etc., era uma quantidade imensa de camponeses que vinham do campo e em troca a população dos bairros pobres de João Fitas. também se deslocava de onde estivesse e vinha

V
ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA

Então, companheiros, hoje, é preciso que haja isso. Eu quero dizer, para terminar, e não podia deixar de dizer isso. Se você está me dando um minuto, eu peço mais um. [Aqui está a filha de Pedro Fazendeiro e a irmã de João Alfredo, para que todos se lembrem. Esses dois companheiros estavam presos aqui, no Quartel do 15º Batalhão de / Infantaria. Quem era encarregado do inquérito militar, aqui, chamava-se Major Cordeiro - o nome dele, todo, que eu nunca vou esquecer, era José Benedito Montenegro dos Magalhães Cordeiro. Esse homem estava investigando as Lutas Camponesas, na Paraíba. Eu estava preso numa cela e João Alfredo na outra. No sábado, dia 29 de agosto, João foi chamado para ser interrogado pelo Major Cordeiro. Quando voltou, eu sabia sobre o que o major iria perguntar. 1 Quando ele voltou, disse: "eu vou mofar na prisão". O termo foi esse: "vou mofar na prisão]porque o que o Major Cordeiro quer, eu não sei como vou... e ele disse que eu só saía daqui / quando eu confessasse aquele fato que ele queria saber". Pois bem, duas horas depois tiraram João Alfredo da cela e botaram no xadrez, e a noite, às 19 horas, soltaram João Alfredo. João ! Alfredo foi solto num sábado, à noite. Me transferiram para um xadrez que só tinham mais dois presos: era Antonio Bolinha, que foi prefeito de Rio Tinto, e Pedro Fazendeiro. Nós três ficamos numa cela, num xadrez e no dia 07 de setembro, depois da parada militar - que veio até o comandante do 4º Exército, participar dessa parada - de repente chega um sargento e diz: "Seu Pedro, prepare as suas coisas que você vai ser solto", e nós ficamos muito alegres porque só ia sobrar eu e Antônio Bolinha para serem soltos. Pedro Fazendeiro preparou as coisas e Antônio Bolinha deu um dinheiro para ele e disse: "Pedro, pegue um táxi na frente dos guardas e vá para casa porque em Recife estão soltando do quartel e prendendo na esquina". Pedro pegou o dinheiro e foi. Isso era uma terça ou quarta-feira, 07 de setembro. No domingo eu estava recebendo a visita da minha mulher. A visita, naquele tempo, era de sete / minutos por semana. Eu estava recebendo a visita da minha mulher, cercado de soldados, e quando eu vejo, lá vem Dona Maria, a mulher de Pedro Fazendeiro, entrando no quartel. Aí eu disse: "Oi, Dona Maria, como é que vai Pedro?". E ela disse: "Por quê? Eu vim visitá-lo" Eu disse: "não, Dona Maria, Pedro foi solto terça ou quarta-feira, eu não me lembro bem". Aí, / ela disse: "aquele homem

Divisão de Tradução e Revisão Taquigráfica

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA

era outro militar, mas era um militar dissentessemos, que tratava com dignidade todos os \ presos políticos da Paraíba. Aí, ela insistiu. Prestem bem a atenção, ela insistiu. E eu disse: “Dona Maria, vá agora”. Ela disse : “não, eu preciso falar com João Alfredo, que eu estou vindo de Sapé e trouxe umas roupas para ele”. Aí, eu disse: “Dona Maria, João já faz mais de dez dias que foi solto. Não chegou em casa, também?” ‘Não’. Aí, foi a minha sorte, o que aconteceu com ele me salvou, e aquela visita de Dona Maria. Aí eu disse para minha mulher:” vá hoje, com minha mãe, à casa do Major Cordeiro e diga a ele que se for me soltar, de dia ou de noite, eu só saio com a família. Sozinho, se dizer que eu sei, é mentira”. E minha mãe foi e lá com a conversa com o major, disse para ele: “Major, se o Senhor soltar o meu filho, eu quero sair com ele para não acontecer o que aconteceu com Pedro Fazendeiro e João Alfredo, que foram assassinados e estão dizendo que foi o Senhor quem os matou”. O major tomou aquele susto e imediatamente me transferiu para o Grupamento de Engenharia e botou grades nas janelas da casa deTj

Então, companheiros, para se descobrir, dois ou três dias depois os jornais publicaram a foto de dois corpos mortos perto de Campina Grande, com a cabeça toda esfacelada, ninguém dava para conhecer, 10 de setembro. E Antônio Bolinha, disse: “esse calção é de Pedro”. Era o calção que Pedro usava na prisão. Então, nós ficamos naquela desconfiança, se de fato aqueles corpos eram de João Alfredo, e de fato eram. Quer dizer, tiraram eles do quartel, num sábado, à noite - nos quartéis não existe nada funcionando nos sábados - e no dia 07 de setembro, à noite, disseram que tinham sido soltos. Então, esses dois companheiros foram os dois únicos brasileiros que desapareceram e até hoje a família está aqui e desconfia, mas não sabe e nunca conseguiram os restos mortais dos dois.

Então, somente em 69 foi que novamente passou, já na ditadura, a desaparecer presos políticos, como foi o caso do jornalista Vlademir Herzog e do operário Manoel Fiel Filho. E vocês prestem atenção, sobretudo a imprensa. Quando Vlademir Herzog apareceu morto no Quartel do 2º Exército, em São Paulo, disseram que ele tinha se suicidado. Quem era o comandante do 2º Exército? O General

Divisão de Tradução e Revisão Taquigráfica

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA

Vlademir Herzog, segundo eles, se suicidou na prisão. Quem era o comandante? Edinaldo D'Ávila Melo. Então, se quiser descobrir o que aconteceu com essas pessoas, é somente ir atrás e verificar. Na Paraíba, Major Cordeiro, saber o que é que aconteceu com Pedro e com João Alfredo. Em São Paulo todo mundo soube que era o Edinaldo D'Ávila Melo, então Edinaldo D'Ávila Melo, na época, estava aqui.

Meus companheiros, eu teria muita coisa para falar, a mais, das grandes vitórias que as Ligas Camponesas da Paraíba tiveram. Foram vitórias, mesmo. As Ligas ficaram conhecidas no mundo inteiro. Jornalistas da Alemanha, dos Estados Unidos, da França, vinham para cá, e como eu disse, até o Presidente Kennedy ficou de ir diretamente a Sapé. Houve uma revolta muito grande, na época, porque como é que o líder americano viria exatamente a Sapé, onde havia sido derramado sangue de vários camponeses? Então, as lideranças estudantis, operárias, todos ficaram contra essa vinda de John Kennedy, mas Luiz Carlos Prestes, com a sua inteligência espetacular, mudou tudo, dizendo que se devia apoiar essa vinda de Kennedy à Paraíba, porque o representante dos camponeses paraibanos que iria falar na saudação ao Kennedy, só falariam três pessoas: o líder da Paraíba, camponês, a Jacqueline Kennedy, que queria falar, e o Presidente John Kennedy. Três oradores, mas iriam falar para o mundo todo. Então, Prestes disse: “quem for falar em nome dos camponeses, vai fazer uma denúncia não só para o Brasil, mas para o mundo inteiro que vai transmitir essa vinda do Kennedy”. Porque o Kennedy tinha dito que o Nordeste seria o segundo Vietnã, que aqui iria haver uma revolução tão grande quanto o Vietnã, e ele precisava vir para saber a real situação, para poder dar ajuda para os camponeses. Pois bem, o Prestes teve essa idéia e isso não aconteceu porque o Kennedy foi assassinado. Então, para vocês terem idéia da grandeza das lutas das Ligas Camponesas da Paraíba, chegou ao ponto do presidente dos Estados Unidos resolver vir, diretamente, ao município de Sapé.

Então, companheiros, a mãe de Che Guevara, Juscelino Kubitschek, João Goulart, as lideranças nacionais, o ministro da Agricultura, o presidente do Banco do Brasil, Banco do Nordeste, Sudene, todos vinham para conhecer a real situação dos camponeses. E, afinal, acabou-se com o “cambão” na Paraíba e se

Divisão de Tradução e Revisão Taquigráfica

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA

ficavam fazendo a farinha e aquela cota que ficava para eles se chamava conga, e em alguns lugares se chamava laterada, e o resto era do dono da propriedade. Então, também se acabou com essa conga laterada e o Presidente João Goulart assinou a reforma agrária, para que vocês terem uma idéia da vitória extraordinária das Ligas Camponesas da Paraíba. E aqui estão presentes os camponeses daquela época, inclusive o presidente da Liga de Alhandra, o Elias Quirino, as companheiras Isa Guerra, Ofélia Amorim, que é advogada das Ligas, e tantos outros que aqui estão presentes para exatamente se lembrarem não apenas da tristeza da exploração, da miséria em que vivia no campo, mas para comemorar as vitórias e mostrar aos paraibanos, mostrar àqueles que lutam, hoje, pela reforma agrária, e mostrar à juventude da nossa terra qual o caminho, o que se deve fazer para recuperar tudo aquilo que se perdeu, que o Brasil perdeu, durante esses anos todos,

Então, meus companheiros, para mim, vocês não queiram imaginar, alguém que estava aqui na terra, fui professor, estudei aqui e fui presidente do Centro Acadêmico da União do Estudante da Paraíba, da Federação das Ligas, fui eleito deputado com a maior votação aqui em João Pessoa. Na minha época, o prefeito da cidade que tinha muito prestígio se chamava Miranda Freire, na prefeitura, podia ser candidato a deputado. Foi candidato, eu tive mais votos do que ele, por quê? Porque a luta pela reforma agrária não era por mim não, ;ra porque eu estava exatamente entre os companheiros que estavam à frente das lutas das Ligas Camponesas. (

Aqui eu vejo Maria do Carmo Aquino, vejo tantos companheiros que lutaram naquela época e tantas que ajudaram muito na luta das Ligas Camponesas em Santa Rita. Então, é uma satisfação muito grande, vocês não podem imaginar o que é um companheiro que estava lutando aqui e que teve que sair da Paraíba para poder sobreviver, porque vocês sabem que eu fui duas vezes agredido, uma, eu e Pedro fazendeiro. Eu passei quarenta dias no hospital, fui vítima de um grupo dos Veloso Borges, de Santa Rita, de Pilar e Itabaiana, quando eu visitava a sede da Liga Camponesa e que fiquei aqui. Então, com tudo isso, tive que sair da Paraíba e não pude voltar. Hoje, estou aqui, revendo velhos companheiros e, sobretudo, os novos, aqueles que vão exatamente dar continuidade por esta luta que o Brasil deve

Divisão de Tradução e Revisão Taquigráfica



ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
 CASA DE EPITÁCIO PESSOA

significa o país dar um avanço no progresso. Nenhum país do mundo, nenhum país, até os Estados Unidos com a colonização europeia, sobretudo inglesa que esteve nos Estados Unidos, no começo, foi feita a reforma agrária e por isso o país progrediu. Então, o Brasil precisa fazer isso, não só para ajudar os camponeses, mas para ajudar todos os brasileiros.

Então, meus amigos, a minha satisfação foi muito grande. 42 anos depois de ter saído da minha terra, voltar a reencontrar os companheiros e lembrar algumas coisas, muitas coisas que o tempo não me dá oportunidade de falar, mas nós teremos, durante esses dois dias, durante alguns dias que eu esteja pela Paraíba, poder exatamente informar aos paraibanos aquilo que eu estive presente no decorrer das lutas das Ligas Camponesas da minha terra. (Aplausos).

O SENHOR PRESIDENTE WALDIR PORFÍRIO DA SILVA:

Agora vamos passar para a nossa querida Elizabeth Teixeira.

A SENHORA ELIZABETH TEIXEIRA:

Eu quero agradecer a todos os companheiros e companheiras que estão presentes aqui, ouvindo as palavras do companheiro Assis Lemos. O companheiro Antônio José Dantas, que chegou, foi um companheiro que muitas vezes foi a minha casa saber como é que eu estava, como estava a luta.

Eu quero dizer para os companheiros e companheiras que João Pedro Teixeira, na Paraíba, foi quem começou a luta do campo, no município de Sapé. quando eu casei com *j /* João Pedro, meu pai e minha mãe não aceitaram o casamento, ninguém da minha família não **aceitou** o casamento, a gente foi para Recife, moramos vários anos lá, ele trabalhando em uma pedreira e a pedreira parou. Daí a situação ficou muito difícil, a gente já tinha quatro filhos, aí recebi um convite do meu irmão para vir morar no município de Sapé, num sítio, na Barra de Anta, e João Pedro veio comigo. Quando chegamos em Barra de Anta, eu ainda não tinha nem conhecimento de que João Pedro já tinha aquele espírito de luta. João Pedro nos engenhos Anta, Melancia, Sabucaia. que ficava mais próximo a nossa casa. tomando conhecimentos como

Divisão de Tradução e Revisão Taquigráfica



ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
 CASA DE EPITÁCIO PESSOA

dos engenhos, das fazendas é tão difícil que chegava o momento de muitos pais verem seus ' filhinho morrer de fome. Então, ele convidava aqueles trabalhadores para virem até a nossa casa, conversar com ele, do engenho Anta, do engenho Melancia, do engenho Sapucaia, engenho Maraú e de outras fazendas. Conversavam com ele e chegou o momento dele fundar a Liga Camponesa em Sapé, que foi fundada por João Pedro Teixeira, em 58 João Pedro fundou a Liga, os companheiros que já tinham conhecimento dele, que conversava muito em nossa casa com ele iam para a sede da Liga, em Sapé, conversar, assistir todo o movimento.

Então, João Pedro começou uma luta, mesmo, de dia à noite. Tinha momentos em que ele chegava em casa e me abraçava, ficava abraçado comigo e dizia que iam tirar a vida dele e os nossos filhinhos ficavam todos chorando, em volta dele e de mim, e quando tirassem a vida dele, se eu assumia o lugar dele na Liga Camponesa. Eu sempre ficava calada, nunca tive resposta para dar a João Pedro porque com os nossos filhos, nós tínhamos muitos | filhos, quando ele foi assassinato eu fiquei com 11 filhos e era difícil. |E ele falava para os filhos que eles estudassem para que eles fossem advogados para defender ele na luta que ele estava. João Pedro, no dia-a-dia, na luta da Liga Camponesa, do movimento do campo por

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA

botaram uma emboscada e tiraram a vida de João Pedro? E por que não tiram a minha? Fazem isso”. Tantos disparos de tiros, foram muitos que a vizinhança, até muitos vizinhos pensavam que eu tinha sido assassinada, todos da minha residência, eu com todos os meus filhos, por conta da quantidade de tiro que foi disparado. Aí ele disse: “entre no carro”. Eu disse: “eu vou voltar para pegar os documentos porque eu não vou sem documento”. Aí voltei, quando eu cheguei em casa, a minha filha mais velha, Marluce Teixeira, me abraçou e disse: “vão tirar a sua vida, minha mãe; vão tirar a sua vida e você não vai mais voltar”. Eu disse: “não, filha, eles não vão tirar a minha vida, é só para me fazer medo, para eu ter medo e abandonar a luta”. “Não, mainha, vão tirar”. Aí eu peguei os documentos e vim presa para aqui. Ela mandou comprar veneno, ingeriu veneno com mel de engenho, tomou e morreu. Quando eu cheguei aqui, Dr. Santa Cruz já estava na delegacia, eu não fiquei presa e Dr. Santa Cruz deu o carro dele para eu voltar com o motorista, que foi me levar em casa. Quando eu cheguei em casa ela já estava passando mal, passando mal com o veneno que tinha tomado. Eu botei ela no carro e trouxe, quando eu cheguei aqui, com pouco tempo ela morreu. A minha filha morreu. Antes de acontecer isso, já tinha acontecido um tiro na cabeça do meu filho Paulo Pedro Teixeira, com dez anos, porque os carros que passavam na estrada asfaltada, desciam, passavam em frente da minha casa para ir para o engenho Anta e engenho Melancia. Quando eu saía para a Liga, para a luta ele ficava em casa e quando ele via que o carro ia passando, ele subia na janela da casa e gritava: “mataram o meu pai, mas quando eu crescer eu mato o bandido que matou o meu pai”. O que aconteceu? O mesmo que mandou tirar a vida de João Pedro Teixeira manda um capanga com uma espingarda dar um tiro. Eu estava na sala com os camponeses de Anta, conversando com os camponeses quando ouvimos o disparo e quando ouvi o disparo do tiro, corri, os companheiros comigo, o cara ia saindo com a espingarda e nós pegamos o cara, tomamos a espingarda. Os companheiros ainda falaram para mim: “que podemos fazer?” Eu disse: “nada”. Nós entregamos ele à polícia e a arma dele, a espingarda. Aí eu peguei meu filho, estava caído no chão, o tiro foi mesmo na testinha dele, a bala ficou dentro do cérebro, eu trouxe ele para aqui, o médico

Divisão de Tradução e Revisão Taquigráfica

ESTADO DA PARAÍBA

ASSEMBLÉIA

Eu sofri muito na luta das Ligas Camponesas, sofri com muitas prisões, com o)
 que aconteceu com meus filhos. O que acontecia à noite, quando eu chegava da
 luta, os filhos me abraçavam e diziam: “mataram meu pai e vão matar a senhora
 também, mainha, porque vão tirar a sua vida”. Era uma situação muito difícil para
 mim, mas continuei a luta da Liga Camponesa, em Sapé, e com o golpe militar eu fui

Exército. O Exército disse que não tinha razões para eu continuar presa, ia me liberar, me
 liberou, mandou me levar até a casa de meu pai. Quando eu cheguei à casa de
 meu pai, meu pai disse: “aqui você não pode ficar. Você tem esse menino que é a
 cara de João Pedro, ninguém quer, nem eu quero nem a família quer. Você, para
 onde for, pode levar. Tem um carro aí, um motorista, leva você para onde você
 quiser, aqui você não fica”. Aí eu resolvi ir para Recife porque lá, onde eu morei
 com João Pedro, tinha um vizinho que era do Partido Comunista, Manoel Serafim,
 era uma pessoa muito boa, uma personalidade muito boa, e eu disse: “vou à casa
 do companheiro Manoel Serafim”. Cheguei em Recife, na casa dele, ele falou: “aqui
 você não pode ficar. Você é uma pessoa muito conhecida e não pode ficar aqui”. Ia
 chegando um motorista com o carro grande, do interior do Rio Grande do Norte, de
 uma cidade chamada São Rafael, no interior do Rio Grande do Norte, ele levava
 produtos do campo para o mercado de Recife, ia chegando e foi dizendo: “essa
 mulher chorando, por quê?” Aí o Manoel Serafim chamou ele, conversou com ele,
 ele rápido volta e diz: “pode entrar dentro do carro”. Eu entrei dentro do carro, sem
 nada, sem condições nenhuma, porque meu pai tinha condições, mas não me deu
 nada, eu entrei no carro, fui para São Rafael e quando cheguei em São Rafael, com
 ele, tinha uma senhora, velhinha, que tinha uma casa grande, ele falou com ela, ela
 me deu uma sala e um quarto para eu ficar e eu fiquei lá. Ele, no dia seguinte,
 trouxe os amigos para eu ser lavadeira de roupa de cinco amigos dele e eu fiquei

Eu via muitas crianças nas calçadas, daquelas ruas e, eu chorava muito, quando
 via aquelas crianças nas calçadas daquelas ruas, lembrando dos meus filhinhos
 que tinham ficado abandonados, sem pai e sem mãe. Aí eu falei com as mães, se
 elas me davam café, uma alimentação de meio-dia, à noite, para eu começar uma
 alfabetização. Se elas me davam cadeira porque aquelas crianças não iam para a



ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA

podiam botar. Aceitaram, aí eu fiquei alfabetizando as crianças, elas me dando alimentação, depois resolveram me dar o dinheiro, alfabetizei as crianças nos anos todos de ditadura que passei naquele São Rafael com o nome de Marta Maria da Costa. Foram 16 anos, alfabetizando aquelas crianças, tem até dois meninos que foram alfabetizados comigo e são advogados. Eles, em 93, mandaram uma carta para mim, eu estava no Centro de Defesa dos Direitos Humanos, dei as cartas para o Dr. Wanderley Cache. A minha felicidade foi essa alfabetização, no Rio Grande do Norte.

Mas, eu desejo que quem hoje esteja na Liga Camponesa, que continue a lutar por uma reforma agrária porque 44 anos já fez do assassinato de João Pedro e a reforma agrária ainda não foi implantada em nosso país. E ele dizia para mim, me abraçava, todos os dias, que a reforma agrária ia ser implantada em nosso país. Iam tirar a vida dele, mas que iam implantar a reforma agrária. 44 anos já fez do assassinato de João Pedro. Agora, no dia 13 de fevereiro eu completei 81 anos e cadê a reforma agrária?

Agora, o companheiro Assis Lemos falando aqui, eu até me senti mais feliz porque ele disse que tem se implantar uma reforma agrária em nosso país, que tem que melhorar a situação do trabalhador do campo e para melhorar o trabalho do homem do campo, é com uma reforma agrária, é com terra para que ele possa produzir na terra, uma reforma agrária com as condições que João Pedro falava para mim. Isso tem que ser implantado em nosso país porque a luta dos companheiros que já tombaram, que já foram assassinados na luta por uma reforma agrária e tem, todos os companheiros que hoje continuam, pedir a Deus que seja implantada essa reforma agrária em nosso país. Eu pensei até que o companheiro Lula - porque na minha luta, onde eu encontrava com Lula, que fosse em São Paulo, que fosse no Rio, onde fosse, ele me abraçava - quando assumisse a presidência, fosse implantar uma reforma agrária, lutar para que fosse implantada uma reforma agrária em nosso país. Mas, eu acredito que seja implantada uma reforma agrária em nosso país, que o homem do campo tenha condições de sobreviver no campo, na luta. Eu acredito, companheiros.

Divisão de Tradução e Revisão Taquigráfica

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA

Fazendeiro, a filha dela que está aqui; agradecer a todos; ao companheiro Antônio José Dantas. A todos os companheiros e companheiras que estão presentes, os meus agradecimentos.

Peço desculpa por não ser mais aquela pessoa que era. Hoje eu estou tão cansada, eu sofri tanto, tanto, que eu imagino até assim, como é que eu estou viva, ainda hoje, pelo sofrimento que eu passei, pela vida. Não foi fácil ficar sem João Pedro Teixeira, com meus filhos, depois ficar sem meus filhos, tudo abandonado, na ditadura militar. Foi muito triste 77

Meus agradecimentos, muito obrigado a todos, peço desculpas e tudo muito bom para todos. (Aplausos).

O SENHOR PRESIDENTE WALDIR PORFÍRIO DA SILVA:

Antes de passar a palavra para Marina Dias, irmã do nosso querido Nego Fuba, eu gostaria de registrar a presença de Noaldo, que é presidente do Conselho Estadual dos Direitos Humanos; Antônio Dantas, já foi dito que está aqui, que vai fazer o debate dele, não agora, e Derli Pereira que estava por aqui.

Vou passar agora para Marina Dias.

A SENHORA MARINA DIAS:

Companheiros e companheiras, é uma honra para mim estar aqui, moro no Rio, é uma honra muito grande falar do meu irmão. Meu irmão foi tudo para mim, eu sofri muita humilhação naquela cidade de Sapé. Foram, três vezes, os soldados do Quartel RI na minha casa, antes dele morrer, invadiram a minha casa, procurando arma, nunca encontraram nada. Acordava de manhã cedo com eles na minha casa, a gente dormindo e eles lá na porta e se nós não abrissemos a porta, eles invadiam, quebravam a porta e entravam. Procuravam arma, nunca encontraram. Depois de revirar a casa toda, eles falavam: "só se nós procurar nas telhas. Não é possível, como é que pode? Falaram que tem arma nessa casa e nós não encontramos". Depois voltavam novamente. Eu sei que foram três vezes a humilhação. Depois mais humilhação. Quando meu irmão desapareceu, foi no dia



r

26

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
 CASA DE EPITÁCIO PESSOA

do SANDU, um médico tirou meu irmão do SANDU, levou para uma fazenda dele, depois não sei como descobriram que meu irmão estava lá, tiraram meu irmão de lá, chegaram em Sapé, bateram muito nele, depois eles passaram na minha porta tocando uma música, cantando e falando. Eles inventaram: “o Nego Fuba está morto, cortado em não sei quantos pedaços, está dentro de um saco^joiha, isso foi uma dor muito grande que eu senti, lá dentro, quando eu senti aquelas palavras, foi uma dor que eu não esqueço nunca, dessa dor, dessa humilhação. Depois meu irmão ficou preso, três meses, incomunicável. Eu ia visitar ele toda semana, nunca conseguia falar com ele. Depois de quase três meses foi que eu consegui falar com ele e com pouco tempo ele saiu, foi para casa, com 15 dias ele foi preso de novo
 r\

Major Cordeiro de Farias/Oito dias antes, o Jairo foi solto, Assis Lemos deve lembrar,

i

chegou em Sapé e falou que meu irmão já tinha sido solto. Aí eu fui, no domingo, visitar. IEu fui para falar, para ver, cheguei lá fiz que não sabia que meu irmão tinha sido solto e quando eu perguntei, ele disse: “o seu irmão foi solto”. Eu disse: “Como, se o meu irmão não chegou?”^ufiii procurar o Major Cordeiro de Farias e falei para ele que meu irmão tinha sido 'j solto no sábado e ele falou: “ele não foi solto no sábado, ele foi solto numa sexta-feira”. Ele

Divisão de Tradução e Revisão Taquigráfica

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA

Fazendeiro tinha uma perna mais curta do que a outra, eu conheci pela perna do Seu Pedro Fazendeiro porque a perna era encolhida. Eu falei: “esse é meu irmão”. E até hoje eu não sei notícia do meu irmão. Sofri muitas humilhações. Eu saía na rua e todo mundo: “olha lá, a Nega Fuba. Essa daí é a irmã do Nego Fuba, é a Nega Fuba”.

j - Eu vi que estava muito humilhada naquele lugar onde nasci, eu não podia mais

ficar ali e resolvi ir embora para o Rio de Janeiro. Fui, trabalhei em casa de família, trabalhei na casa de coronel, trabalhei na casa de major, mas nunca falei quem eu era. Eu era doida para falar quem eu era? Eu ia ser presa. Nunca falei quem eu era. Hoje eu estou aqui, falando quem eu sou e lá, onde eu estou, eu falo quem eu sou, com muita honra. Eu queria que meu irmão estivesse aqui para ele falar como ele falava, como ele tinha força, como ele tinha força naquela língua para falar e defender os camponeses^

Eu estou muito feliz porque aqui estou, mas também estou muito nervosa, estou muito emocionada, falar do meu irmão, mas é uma honra muito grande. Eu vim do Rio, tenho problema nas minhas pernas, mas é uma honra muito grande eu estar aqui, defendendo meu irmão com unhas e dentes (aplausos). Para mim é um prazer muito grande. Se eu for falar do meu irmão, eu passo o dia todo contando histórias, histórias, o que eu passei no Quartel RI, as humilhações, tudo o que eu passei na minha vida. Mas eu agradeço a Deus que eu estou viva e estou aqui e se precisar, mais uma vez, eu estarei aqui para defender o meu irmão porque meu irmão foi uma mãe para mim. Eu perdi minha mãe muito nova e meu irmão tomou conta de mim até eu casar. Ele viajou para a China e falou: “eu só vou viajar (Os participantes do seminário catam um trecho do Hino da Independência, *j* fora do microfone).

Obrigada, gente. Desculpe, eu não sei falar tanto, mas, obrigada. Se precisar, 10 vezes, 100 vezes, para falar do meu irmão, eu estou aqui para defender a honra do meu irmão. (Aplausos)

Divisão de Tradução e Revisão Taquigráfica

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA

O SENHOR PRESIDENTE WALDIR PORFIRIO DA SILVA:

Bom, segurem as emoções aí dentro, todo mundo.

Agora vamos passar para a nossa querida Neide Araújo, filha de Pedro Fazendeiro.

A SENHORA NEIDE ARAÚJO:

Bom-dia a todos.

Para mim é gratificante estar aqui porque estou conhecendo novas lideranças, novas pessoas que levam avante a luta que meu pai foi engajado nela. Também uma satisfação muito grande porque estou vendo companheiros da época do meu pai, como o meu amigo Assis Lemos, Elizabeth Teixeira, Marina, Arroxelas, Dantas, tantos outros que eu não sei bem o nome, mas a fisionomia eu gravei.

^ Quando começou o movimento das Ligas Camponesas eu era praticamente uma criança, mas eu me recordo de muitas coisas, eu recordo das reuniões aos sábados, recordo da feira, recordo do local onde ficava situada a Liga Camponesa em Sapé e recordo também que eu fiz muitas carteiras, eu juntamente com uma irmã, Nadieje, que é falecida. Então, nós ficávamos na janelinha de trás e os camponeses iam e nós fazíamos carteiras para os camponeses. Tenho muito orgulho do meu pai, da luta dele, do ideal dele e tenho tristeza pelo modo covarde como ele foi assassinado, mas também tenho muito orgulho porque ele

‘—!

não foi covarde, como os que assassinaram ele! Então, já na minha infância eu recordo das perseguições, recordo as vezes que nós acordávamos e nossa casa estava cercada pelo Exército e minha mãe dizia: “Pedro, a casa está cercada”. E, como a Marina disse, a casa era revirada, de ponta-cabeça, e o que eles procuravam? Armas. Nunca encontraram armas na minha casa, o que encontravam na minha casa eram panfletos. Houve uma época, eu não me recordo bem o ano, em si, que meu pai foi uma viagem a Cuba, com João Alfredo, com Ivan Figueiredo, outros companheiros, então ele trouxe muitos panfletos, muitas coisas e o que o \ Exército encontrou na minha casa foi isso, e levaram tudo!~Recordo também das perseguições, / quando ele

Divisão de Tradução e Revisão Taquigráfica

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA

/

pelo Coronel Luiz de Barros, e prendia meu pai. Nós, em casa, sabíamos a notícia, minha mãe ficava apavorada, nós éramos de menor e só podíamos esperar. Sempre contamos com a ajuda de Assis Lemos, de Dr. João Santa Cruz, de Arroyelas, dos
 { Batista. }

Recordo que um dia, quando eu saí do colégio, eu estudava no Gentil Lins, em Sapé, e quando cheguei na porta da minha casa, no caminho de casa, vi meu pai passar em cima de um caminhão. Eu não sei o que eles iam levando, se era um homem ou o maior bandido, como eles classificavam. Não sei o que eles iam levando. O certo é que meu pai ia escoltado em cima de um caminhão, fileira de soldados, aqueles caminhões que tinham os bancos em cima as fileiras de soldados de um lado e do outro, e meu pai no meio deles. Na passagem dele, em casa, eu não sei distinguir o semblante dele, só sei que para a gente era muita tristeza. Me lembro de uma vez que ele foi preso, o Coronel Luiz de Barros, tinha uma sede muito grande nele, deu-lhe uma tapa na cara e falou na minha avó que, no caso, seria mãe do meu pai, e meu pai disse: "Major, em cara de homem não se bate" e ele bateu. Outra vez, quando o meu pai voltou para casa, passou vários dias com

(Com o golpe militar de 64 meu pai ficou na fazenda Mussuré, de Álvaro Magliano. Passou uns tempos lá, mas não podia ficar sempre se escondendo porque nós tínhamos muito medo da polícia e acreditávamos no Exército. Então, chegou o

meu pai disse que ia se apresentar, foi na companhia de um advogado, que não me chegou o 1º agora, e se apresentou no 15º RI, isso no mês de abril. Nesse mês de abril eu estava completando 15 anos de idade, isso já depois do golpe militar, e esse foi o meu presente, a prisão do meu pai, porque nós acreditávamos no Exército. Minha tia Ligia dizia que o Exército não faria qualquer covardia com um preso político e como a polícia, no caso, Luiz de Bastos, tinha muita sede no meu pai, então ele achou melhor se entregar e foi, e começou o sofrimento da gente. Como o Dr. Assis Lemos, aqui, disse, as visitas eram sete minutos, no domingo. Nós íamos visitá-lo, levávamos alguma coisa para ele. Nossa situação não era boa, tudo o que ele tinha foi destruído no sítio que ele tinha, em Miriri. Tudo foi destruído. Tiraram caminhões e caminhões de roça, tiraram muita bananeira, tiraram fotografias, nós ainda pegamos

Divisão de Tradução e Revisão Taquigráfica

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA

alguma coisa e nunca recebemos nada. A terra não era dele, ele era posseiro. Então, não podíamos pagar o aluguel da casa e passamos a morar numa casinha que um primo nosso passou para a gente. Era uma casinha de palha, já escorada com um tronco de coqueiro porque aquele lado da parede podia virar. Tivemos a ajuda do Dr. Malaquias Batista, do Dr. Assis Lemos que deram uma máquina de costura a minha mãe e ela, com essa máquina de costura, não tínhamos energia elétrica, com essa máquina de costura ela começou a fazer um calção para um, uma roupinha para outro, mesmo assim estudamos. Não chegamos a concretizar os sonhos do meu pai, porque ele sonhava que um filho seria advogado, o outro seria médico, Naujea, que está ali, presente, seria uma das médicas. Infelizmente nenhum

Com a prisão de meu pai, nós começamos a visitá-lo. A última vez que chegamos a ver o meu pai foi no dia 06 de setembro de 64. Nesse dia, o meu pai chorou. Minha mãe perguntou a ele: “Pedro quando é que você sai?” Ele disse: “eu não sei. Major Cordeiro quer que eu diga coisas que eu não sei”. Então, assim como o companheiro Assis Lemos disse, que João Alfredo disse: “eu vou mofar aqui”, meu pai também achou que, a partir dali, ia mofar ali. Só que era uma esperança de vida, seria mofar ali, ficar ali, mas um dia sair. Isso é o que nos esperávamos, mas isso não aconteceu. Quando foi na visita do outro domingo, nós tivemos a notícia que o meu pai tinha saído. O companheiro Assis Lemos aconselhou minha mãe que fosse ao Grupamento de Engenharia. Minha mãe foi, mas, lá, a resposta que nós tivemos

15º RI.

Um dia a minha mãe juntou as coisas dele, porque ele ficou com a roupa do corpo, porque nós levamos a roupa dele para lavar, nesse dia 06 de setembro. Então, eu juntei as roupas de meu pai, algumas coisas como sabonete, pasta, algumas coisas, fui levar e eu pedi ao Major Cordeiro: “Major Cordeiro, eu não quero que o senhor solte o meu pai. O senhor acha que ele tem culpa em alguma coisa? Então, o senhor fique com ele aí, mas o senhor diga aonde colocou o meu pai para que eu possa entregar essas coisas a ele porque ele está com a roupa do couro”. E ele, cinicamente, olhou para a minha cara e disse assim: “eu soltei o seu pai”. E eu disse a ele: “não, o senhor não soltou o meu pai”. Então, ele disse: “se o seu pai não

Divisão de Tradução e Revisão Taquigráfica

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA

Eu conheço o pai que eu tenho. Eu sei do amor dele pelos os filhos e pela família e eu sei que se meu pai fosse se ausentar para qualquer canto, houvesse o que houvesse, minha mãe seria comunicada”. E ele, cinicamente, mais uma vez olhou para minha cara e disse: “menina, eu não sou um homem ruim, eu sou um homem bom. Ainda, na semana passada chegou uma mulher pedindo esmola e eu dei a ela dois litros de leite”. E eu disse a ele: “grande coisa, um leite que o senhor recebe dos americanos”. Eu não sei se era dos americanos que ele recebia, mas eu sei que, na época, existia uma campanha que dava leite para as pessoas. E disse: “o leite que o senhor recebe dos americanos. E tem uma coisa: quem é ruim, quem é bom não diz por si, deixa que os outros digam”. Então, ele perguntou se eu queria correr o 15° RI. Me veio na cabeça correr o 15° RI, mas também me veio na cabeça, do jeito que ele deu fim ao meu pai, ele pode dar fim a mim e ao meu irmão, porque eu tinha entrado na sala dele sozinha, meu irmão, Marinardo, tinha ficado na recepção, e eu disse: “não, senhor, eu não quero correr o 15° RI. O senhor sabe o que fez com o meu pai”. E fui para casa e voltei muitas vezes. Ele sabia que tinham morto o meu pai; ele sabia tudo o que tinham feito, mas eles ainda torturavam a gente psicologicamente, porque eles mandavam gente na minha porta, procurar saber o que minha mãe pensava, vestidos de mendigos. Quantas vezes chegaram. Até que uma vez, uma senhora, por nome de Tamar, que nós chamávamos de Tamar, vizinha nossa, quando saiu uma dessas pessoas da minha casa, perguntou, assim, a minha mãe: “Dona Maria, o que foi que a senhora disse aquele homem?” Minha mãe disse: “nada, por quê?” Ela disse: “Porque aquele homem é do 15° RI”. Então, ele tinha ido à minha casa perguntar qual o pensamento da minha mãe? Qual a orientação que minha mãe estava dando aos filhos? Para ver o que a gente pensava e minha mãe sabiamente disse a ele que nós não tínhamos pensamento de vingança, que o que eles tinham feito se não houvesse justiça da terra, mas havia a justiça de Deus. Esse homem foi embora.

Recebíamos cartas de Recife chamando o meu pai para se apresentar. Ora, se eles tinham matado o meu pai, como é que o meu pai ia se apresentar? E quem ia era a minha mãe. Ela ia com uma prima nossa e para nós era um dia de

ESTADO DA PARAÍBA

ASSEMBLÉIA

“esse homem não chegou em casa; esse homem desapareceu. Eu sou a esposa dele”. E eles diziam: “a senhora não pode responder por ele”. E minha mãe voltava cansada.

Às vésperas de minha mãe viajar para qualquer canto, fosse de onde chegasse o chamado, fosse de onde viesse, fosse da 7ª Região do IV Exército, fosse de qualquer lugar que viesse, ela ia e se apresentava. Isso para a gente era tortura porque a gente sabia que ela não sabia se defender dentro daquela cidade, que ela não sabia como chegar, mas Deus fazia ela chegar. Certo?

^JEntão, foram muitas torturas, fome, passamos muita fome, muita fome mesmo. Eu e meus irmãos já comemos breido que porco come. Certo? No Dias das Mães, o meu | irmão, Valter, nós íamos para a igreja, de manhã, e uma vez, quando nós chegamos, ele foi nos encontrar no caminho da casa da gente e disse: “mãe, hoje nós temos breido”. Parecia que a gente tinha a melhor comida do mundo. Não era breido desse que aparece na Semana Santa, não; era um breido, mesmo, que o porco come. Minha mãe testava matos. Ela comia primeiro, depois dava a gente; se não ofendesse a ela, não ofendia a gente. Fomos morar nessa casa que í tinha muitos pés de coco, então nós comíamos coco com farinha, se tivesse a farinha. Então, | foi um período muito difícil, de muita perseguição, mas nós vencemos. Graças a Deus, graças ■ a minha mãe, graças aos companheiros, nós vencemos.]

i

-----1

Eu quero dizer que estou muito contente por estar aqui. De início eu não estava. Sou muito sincera a vocês, eu não vou mentir, porque eu não pensei que fosse falar para vocês assim, como eu estou falando. Ontem, para mim foi um dia de agonia, mas eu estou aqui falando. Eu não sabia como começar, eu não sabia como enfrentar o público, eu tenho dificuldades para isso, mas eu estou aqui, falando (aplausos). iEntão, eu quero dizer aos



ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA

à cidade, morar em favela, ver sua família ser humilhada, seus filhos serem discriminados, marginalizados porque é isso que acontece.

Então, eu agradeço a todos, e vamos à luta! Eu quero dizer a vocês que a forma como mataram o meu pai foi muito covarde. Muito covarde, mesmo, porque quem pegar o jornal do dia 10 de setembro, a foto colorida, não tem coragem para ver, só nós mesmo. Só eu, minha mãe porque nós descobrimos que aquele homem era o meu pai.

Uma vez eu cheguei do colégio, quando minha mãe estava chorando e eu disse: “mãe, por que a senhora está chorando?” A casa estava alagada de água, ela estava botando a água para fora e ela estava chorando, e eu perguntei: “a senhora está chorando porque a água está alagada?” E ela foi lá, pegou aquele jornal e disse: “se esse homem não for o seu pai, se ele não achou quem chorasse por ele, ele achou a mim”. E quando eu vi o jornal, eu não tive a menor dúvida, eu sabia que aquele homem era o meu pai, pela composição física dele, pela composição física de João Alfredo, porque eu também conhecia João Alfredo, então eu não tive a menor dúvida. E nos pulsos de meu pai tinha arame farpado, amarrado. Quem pegar a foto e olhar detalhadamente, como eu que sou filha e olhei, vai ver isso.

Quero a anistia, só que eu não acredito nessa anistia porque anistia é uma coisa aberta, uma coisa, assim, para você saber tudo e até hoje eu não sei. Eu sei por detalhes, j

assim, por comentário, que vazaram os olhos de meu pai com agave, que fizeram atrocidades, j

mas eu não sei pelas autoridades o que realmente aconteceu com o meu pai. Sei que

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA

O SENHOR PRESIDENTE WALDIR PORFÍRIO DA SILVA:

Bom, gente, terminada a fase de exposição, a coordenação se reuniu, ontem, e definiu até o meio-dia para fazer os debates. Então, quem quiser fazer inscrição, durante três minutos, a falação ou quer perguntar alguma coisa, quer prestar algum depoimento, quer completar, terá direito a três minutos. Levante o dedo, que a gente... Acioly.

Antes disso a Marilda lembra que tem uma ficha de inscrição aí, circulando, e quem puder, pegue essa ficha de inscrição com Marilda ou outros companheiros, para a gente ter o controle aqui, do seminário.

Pois bem, vamos passar para o companheiro Acioly. E bom dizer o nome todo porque a taquigrafia da Assembléia está registrando tudo. Pode falar, companheiro.

O SENHOR MARIVAL ACIOLY DE SOUZA:

Senhores e senhoras; senhores pi^f sentes; professor; Dona Elizabeth Teixeira:

Olha, eu sou filho natural de Sapé. O que a senhora disse aqui, com relação ao que fazia, eu vou fazer uma linguagem popular, com relação às chacotas que faziam com a família Fuba. Eu saí de Sapé, com oito anos de idade, para Rio Tinto. Inclusive o professor que estava falando de Rio Tinto, quando ele falou sobre Antônio Bolinha, saímos do inferno que era Sapé, na época, para quem era ligado às Ligas Camponesas, e fomos exatamente para o inferno mais profundo, que era justamente Rio Tinto. Essas questões que o senhor falou, dos galpões, dos silos que a companhia de Rio Tinto tinha lá, em que as famílias eram obrigadas a trabalhar e nunca ver dinheiro. Agora, o que eu queria dizer era o seguinte: saímos dessa parte que eu vi, quando era garoto, as chacotas que eram feitas às famílias dos mártires da revolução que vai ser feita, não chorem porque ela não foi feita hoje, não chorem porque amanhã ela vai ser feita.

Outra coisa também que o professor disse, e eu conheço muito bem porque eu estive presente, no verdadeiro PDT, quando eu era do PDT, os golpes

Divisão de Tradução e Revisão Taquigráfica



"" «te*...,,

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA
LEGISLATIVA CASA DE
EPITÁCIO PESSOA

militar, que foi dado de fora para dentro, covardemente, e que a elite udenista e esses bandidos que até hoje assaltam o poder, certo? Não deixe que eles usem a luta de vocês para se elegerem. Não deixem. Se cerquem de homens como o Professor Lemos e outros, que são a verdadeira história, para que esses canalhas não usem e me abusem desse direito de usar a luta de vocês, o sangue que vocês representam, a verdadeira luta da reforma da Liga Camponesa, e que é luta de todos, é a luta de todos os irmãos que estão passando fome, que estão encalhados nas cidades, hoje, nas favelas sofrendo exatamente as dores que seu pai, seu marido e seu irmão sofreram.

Porém, eu quero terminar dizendo o seguinte: esta lembrança não é uma lembrança dolorosa, isto é uma lembrança de um dia triste, que aconteceu na vida dessa família que hoje é representada por toda as famílias brasileiras, mas é também a semente que nasceu para a reforma ser feita, amanhã. Eu não sei se amanhã vai demorar 30 anos, se vai demorar 50 anos e que Deus nos ajudem nessa.

A SENHORA PRESIDENTE MARILDA MENEZES:

Nós temos inscrito aqui, Noaldo, e queria saber se mais alguém gostaria de fazer algum comentário, de fazer uma pergunta. Alguém mais gostaria de fazer uma pergunta sobre um fato? Teu nome? Expedita. Quem mais? Calistrato. Diga o seu nome. Marilene. Alguém mais? Nós pediríamos que quem quiser fazer algum comentário, alguma pergunta, se inscreva agora porque já estamos com pouco tempo para se aproximar à hora do almoço. Alguém mais? Mais alguém? Emilia. Então, de fato, a gente pede para cada um respeitar os dois minutos, só para um pequeno comentário ou uma pergunta, porque nós queremos dar oportunidade para as pessoas falarem, na Mesa, poder comentar alguma coisa, complementar, ainda. Certo?

O SENHOR NOALDO MEIRELES:

.....

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA

Nós vamos passar, daqui a pouco, para vocês, um abaixo-assinado, eu estou com uma aqui, para pegar a assinatura dos membros da Mesa. E um projeto que a gente está tentando fazer a desapropriação da casa onde morou Elizabeth e João Pedro Teixeira porque, Elizabeth, até 2002, na casa onde vocês moraram, morava um pistoleiro de aluguel, dos proprietários de Sapé. Então, a CPT, a paróquia, o sindicato de Sapé e de Sobrado está nesse movimento, a gente tem uma reunião hoje, à noite, no salão paroquial de Sapé, para que seja desapropriada a casa onde vocês moraram para que seja construído o Museu Histórico da Lutas Camponesas no Nordeste. Então, essa é a primeira coisa.

A segunda, gente, é que, Marina e Neide, como vocês passaram essa dor do desaparecimento aqui, na Paraíba, isso continua acontecendo. Em 29 de junho de 2002, no dia em que o Brasil foi campeão mundial da última copa, um trabalhador rural de Itabaiana, chamado Almir Muniz da Silva, desapareceu e até hoje a polícia do Estado da Paraíba, sequer, concluiu o inquérito poücial. Dia 29 de junho completam quatro anos. Almir Muniz, Professor Fernando Garcia, vinha sendo ameaçado por um policial civil chamado Sérgio Azevedo, como o senhor foi vítima dele. Está aqui o Professor Fernando Garcia, tem registro na delegacia de Polícia de Itabaiana e a polícia da Paraíba, sequer, concluiu o inquérito policial, em quase quatro anos.

Concluindo, gente, como advogado da Comissão Pastoral da Terra, eu acompanho os processos do Estado da Paraíba e nós damos uma atenção especial aos processos de homicídio, de trabalhadores que são mortos pelos pistoleiros, no Estado da Paraíba. Nós estamos organizando uma exposição fotográfica, que vai estar, do dia 15 ao dia 18 de maio, na Faculdade de Direito - tem uma matéria aqui que eu vou deixar para alguns de vocês -, sobre os casos de homicídio no Estado da Paraíba. A Paraíba é o estado que mais conseguiu levar casos de homicídio de trabalhador rural a julgamento, mas, por incrível que pareça, os casos que nós conseguimos levar a júri, e que essas pessoas foram condenadas, a polícia não cumpri o mandado de prisão.

O pistoleiro, que morava na casa onde morou Elizabeth Teixeira e João

Divisão de Tradução e Revisão Taquigráfica

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA
LEGISLATIVA CASA DE
EPITÁCIO PESSOA

de Capim - hoje, município de Capim - viv^{na} região de Lucena e a polícia não vai lá, cumprir o mandato de prisão.

Então, a gente montou essa exposição fotográfica para fazer a denúncia da impunidade, nesses casos de homicídios de trabalhadores rurais.

Concluindo, Waldir Porfírio, todos vocês que estão envolvidos nesse projeto, nessa atividade de hoje, aqui, estão de parabéns porque nós precisamos resgatar essa história das lutas camponesas para que a gente possa ter clareza, também, já que essa Casa teve um papel muito importante para encobrir o fato que aconteceu, na questão de impunidade. A gente não pode esquecer que aqui, dentro da Assembléia Legislativa, foi iniciado um movimento de renúncia de deputados e suplentes para que os assassinos de João Pedro Teixeira ficassem impunes, e a gente vê hoje, em dia, na televisão, essas pessoas pousando de paladino da democracia, disso e daquilo. A gente não pode esquecer. A gente não pode esquecer que um dos mandantes de Margarida Maria Alves e da morte de João Pedro Teixeira tem neto aqui dentro, fazendo pose de palajtmo.

Esse evento é muito importante para a gente saber isso. Quem realmente tem compromisso com a democracia, com a liberdade, com a reforma agrária e quem está envolvido nesse processo de impunidade, na derrubada da porta da Faculdade de Direito, na invasão da Faculdade de Direito e quem comandou todo o processo de renúncia e hoje posa nos jornais, na televisão de presidente de Academia Paraibana de Letras, de palafino da democracia, da liberdade, na verdade, da falácia e de encobertar os assassinatos e a violência que aconteceu nesse período.

Muito obrigado. Parabéns. (Aplausos).

O SENHOR PRESIDENTE WALDIR PORFÍRIO DA SILVA:

Bom, companheiros, gostaria de chamar, para compor a Mesa, com todo prazer, digamos assim: o mentor dessa questão, do seminário, em nível

Divisão de Tradução e Revisão Taquigráfica



ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
 CASA DE EPITÁCIO PESSOA

presidente da Contag (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura); Beija-Flor está aqui representando a FETAP de Pernambuco, também.

Vou passar a palavra para o Professor Moacir Palmeira que quer fazer uma intervenção.

Depois a gente vai chamar os companheiros que se inscreveram aqui.

O SENHOR PROFESSOR MOACIR PALMEIRA:

Bom-dia, quase boa-tarde. Meu nome é Moacir Palmeira, trabalho na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Trabalhei muitos anos na Contag (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura), período em que o José Francisco era o Presidente.

Primeiro lugar queria pedir desculpas pelo atraso nosso, aqui, mas ainda chegamos a tempo de assistir a palestra de Dr. Assis Lemos e depois de todos os outros membros da Mesa.

Enfim, generosamente, disseram que eu sou o mentor dessa idéia do seminário e não é bem isso. Essa idéia foi nascendo de várias pessoas. José Francisco, no dia em que saiu da Contag, eu estava na universidade, nessa época, e ele fez esse apelo, se não era possível registrar a repressão contra os camponeses, antes de 64. Não tinha um pesquisador que pudesse fazer isso. Naquela ocasião a gente não tinha disponibilidade, mas ficou a idéia. Depois, os companheiros do Rio Grande do Norte, Sebastião Menezes, que está aqui presente, e José Rodrigues, fundador da Federação do Rio Grande do Norte, cada vez que eu ia ao Rio Grande do Norte ficava o pessoal preocupado com essa história, que não era registrada.

Em uma ocasião, fizemos uma reunião na Contag, por ocasião dos 30 anos, na qual se juntaram várias dessas lideranças do período pré-64 e acabou não sendo registrado. Bom, nisso a gente estava vendo o tempo passar, todo mundo sabia da importância da luta das Ligas Camponesas, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, mas quando se falava da história, nessa época, isso era meio que esquecido. Quando houve o caso, que veio a história dos 40 anos da Contag, houve reunião em

Divisão de Tradução e Revisão Taquigráfica



ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA
LEGISLATIVA
 CASA DE EPITÁCIO
 PESSOA

grandes companheiros, como Biu, do Ceará, que tinha acabado de falecer, enfim, muita gente achava que as mobilizações estavam começando agora, ou então que era esse ou aquele grupo. Então, todos nós sabemos que a luta é de todos os camponeses, que essa luta não tem dono e ao mesmo tempo era preciso registrar. Não era possível que situações como essas que foram narradas aqui se perdessem por aí. Então, surgiu essa idéia simples, de a gente fazer esse seminário. Começamos no Rio de Janeiro, para a gente era mais fácil, nós já estávamos lá, reunimos o pessoal daquela época, fizemos o primeiro, depois Rio Grande do Norte, Pernambuco e a Paraíba que era um estado fundamental, é preciso fazer. Pensamos em cobrir todo o período, inclusive o período de resistência da ditadura, sobretudo até o final dos anos 70, mas tinha tanta coisa na Paraíba que os organizadores acharam melhor dividir para fazer um seminário bem representativo do que foram essas lutas, antes de 64. Então, vamos ver se a gente faz, depois, um seminário, na Paraíba, para pegar as lutas mais recentes, essas lutas, em plena ditadura, que os camponeses estavam aqui, em Alhandra, em Caaporã, enfim, em toda essa área do litoral, mas também nos municípios de sempre, Sapé, que estavam resistindo, estavam mantendo viva essa chama de luta.

Bom, a idéia é essa, de estar sendo exibido, de estar sendo gravado, filmado, e gente deve sair daqui com resultado. Vai ser editados um vídeo com esses depoimentos, para que seja divulgado, para que isso sirva aos movimentos, sirva ao movimento sindical, ao movimento Sem-Terra, a todos os movimentos que estão aí, lutando pela reforma agrária, que isso sirva aos pesquisadores da universidade, o pessoal que está com seriedade, querendo conhecer essas lutas dos camponeses, enfim, sirva à sociedade. Então, de cada estado estamos fazendo um vídeo, vamos ver depois se a gente faz um mais geral, que possa representar, um pouco, o que foi a luta no Brasil todo.

Então, é isso, a idéia é simples e que não tem dono. Do mesmo modo que a luta não tem dono, a luta é do povo todo, a luta é dos camponeses do Brasil, essa também é uma idéia que foi brotando, aqui e ali, e, simplesmente, em certo momento, não tinha jeito, tinha que se implementar.

Divisão de Tradução e Revisão Taquigráfica



ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA

referência para todos nós, estudantes no Rio de Janeiro, e sabíamos da atuação das Ligas na Paraíba. Então, era isso, dizer que participei com a mesma emoção, acho que de todos. Assisti a esses depoimentos e tenho certeza que vamos prosseguir com esse encontro, para ter todo o sucesso.

Muito obrigado e queria louvar, só uma coisa, a comissão organizadora da Paraíba, que conseguiu ir no detalhe, encontrar uma quantidade grande de pessoas que estava envolvida nas lutas e conseguiu reunir boa parte dela aqui, nesse seminário.

Muito obrigado a vocês. (Aplausos).

O SENHOR PRESIDENTE WALDIR PORFÍRIO BA SILVA:

Bom, vamos passar aqui, para uma intervenção rápida, para depois continuar, a José Rodrigues Sobrinho, fundador da Federação dos Trabalhadores do Rio Grande do Norte.

O SENHOR JOSÉ RODRIGUES SOBRINHO:

Eu quero agradecer o convite de estar aqui, e é interessante isso porque a gente que esteve nessa luta, de 60 até 02 de abril de 64, realmente o Exército destruiu toda a história do movimento. A gente foi vítima disso, eu participei ativamente das lutas e hoje eu sou uma pessoa que está viva porque muito milagre aconteceu, mas teve muita coisa para me matar. Para vocês terem uma idéia, nós éramos a grande referência da federação, eu fui o primeiro preso do Rio Grande do Norte. Depois tive muita participação aqui, na Paraíba, também, junto com o movimento da Paraíba, porque a gente sozinho não podia fazer essa coisa toda.

O processo de repressão, passado aqui, foi o mesmo passado lá. Uma coisa interessante é que eu, presidente da Federação, muito novo, com 22 anos de idade, preso e exilado num país, a única pessoa que eu encontrei, na época, foi o companheiro, que já conhecia, Abelardo Jurema. Nós ficamos em Lima, no Peru, exilado, só pude voltar em 67, porque houve uma deliberação que nós tínhamos que voltar para reorganizar a Liga dos Trabalhadores Rurais. Eu voltei, a gente teve como meta a primeira reunião da Central, quando José Francisco foi eleito

Divisão de Tradução e Revisão Taquigráfica

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA

Camponesas se apaguem, mas não é com alegria que a gente ver o relatório no qual pessoas, companheiros que se mantiveram nessa luta e não tiveram a mesma sorte que eu tive de estar aqui, presente, e que nesses dois dias a gente vai conhecer.

A Elizabeth, eu não tive a oportunidade de conhecer porque quando ela foi para lá eu estava preso, mas eu sei a história de Elizabeth. Conheço Rafael, os companheiros com quem a gente trabalha nessa reestruturação dos movimentos sociais, até hoje falam nela, ela é muito querida, tanto é que nós vamos ter algumas comemorações lá e nós vamos convidar Elizabeth para voltar a sua segunda terra natal.

Muito obrigado. (Aplausos).

O SENHOR PRESIDENTE WALDIR PORFÍRIO DA SILVA:

Bom, eu vou passar agora a José Francisco da Silva, ex-presidente da Contag.

O SENHOR JOSÉ FRANCISCO DA SILVA:

Meus cumprimentos ao meu amigo Waldir Porfírio, que está coordenando a Mesa, em nome da comissão organizadora; meus cumprimentos aos participantes da Mesa; Moacir Palmeira, nosso companheiro que tem estimulado muito a gente nesse resgate da Memória Camponesa; companheiro Severino Rodrigues de Lima, conhecido como Beija-Flor, representando aqui a Federação dos Trabalhadores de Pernambuco; meus cumprimentos a José Rodrigues, o nosso baluarte dessa luta no Rio Grande do Norte; meus cumprimentos aos palestrantes da Mesa, que eu posso sintetizar na pessoa dessa grande referência, essa grande figura, essa grande mulher, esse grande ser humano que é Dona Elizabeth Teixeira, companheira Elizabeth Teixeira; meus cumprimentos a todos; a Zefinha e todos que fazem parte do INCRA de Pernambuco, que está nessa luta aqui, com muito orgulho; meus cumprimentos a todos.

Gente é muito importante a gente que encarnou essa convicção, essa

Divisão de Tradução e Revisão Taquigráfica



ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
CASA DE EPITÁCIO PESSOA

Elizabeth Teixeira, seguida de cada um dos companheiros aqui, nossos palestrantes também, palavra por palavra, isso não pode se perder. Tem que se registrar, tem que se refletir, isso no campo, movimento sindical, a Contag, as federações, isso na universidade, isso com as pessoas do campo político, porque nem todos os políticos ainda são tão destruídos, para que essa idéia seja realmente cada dia mais incorporada por muita gente. Realmente é duro, é difícil. A gente pensava que a reforma agrária ia ser implantada rapidamente, essa estrutura ia se quebrar, a justiça social chegaria ao campo, mas a gente sabe que em um Brasil de 500 anos houve avanço, sim, resultado dessas lutas, houve conquistas, mas estamos longe ainda de ter uma sociedade mais justa, mais humana, mais solidária, mas o caminho é esse, é o caminho dessa consolidação, dessa democracia, democracia com mais qualidade ainda, democracia participativa e com o controle social. Quer dizer, isso é muito importante, não é a penas a expressão democracia, que isso aí até já se conquistou, mas é, acima de tudo, a participação, acima de tudo, as organizações dentro dela, e, acima de tudo, o controle social. Sem isso, fica uma democracia muito por cima, mas o caminho é esse porque os outros períodos autoritários de ditadura, a gente já viu aqui, no registro, o sofrimento. Mas, isso também não vai cair do céu, não, é passo a passo, é organização, é conquista, esse sentimento aqui representa realmente a luta camponesa no Brasil. Mas, em cada estado que a gente se reúne, a gente vê, a gente sente como que se deu essa luta, com tanta garra, com tanta dedicação.

Uma coisa boa de se registrar também, que as coisas não se dão de forma isolada. Quanto ao depoimento, aqui, de Dona Elizabeth e das outras famílias aqui, da Mesa, essa ligação entre as pessoas comprometidas, mesmo não sendo camponesas, com essas pessoas que assumiram essa luta no campo, essa ligação, essa ponte. Está aí o companheiro palestrante, aqui, está aí o Chico Julião, estão aí tantos outros companheiros, alguns companheiros de universidade, os companheiros da Igreja, os companheiros da OAB, essa ponte, essa ligação é porque o Brasil é de todos nós. O Brasil é de todos nós e o segmento camponês, sozinho, não teria condições de quebrar essa estrutura que está aí. E a responsabilidade da quebra

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA

solidário? E tem que passar pela quebra dessa estrutura latifundiária, injusta, que está aí, não só dela, mas tem que passar por uma série de outras mudanças.

Mas, eu observei bem essa ligação. Enquanto as outras pessoas também, em outros estados, perderam a vida, mesmo sendo advogado, mesmo sendo freira, mesmo sendo camponês, então isso tem valor, tem compromisso, tem dedicação e precisa ser registrado. Não precisa citar casos aqui, nós sabemos de “N” casos: Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Paraíba, no Norte do país, em Goiás, Pará, enfim, todos os estados, na Bahia. Quantos e quantos perderam a vida? Padre, freira, advogado, independente de partido, independente de sigla essa ou aquela, mas, acima de tudo, animado pela fé, pela fé que encorirou resposta até mesmo no Evangelho, para que essa luta se desse por uma sociedade mais justa.

Hoje, vejo aí as marchas, as marchas das margaridas, das lutas pela terra, as conquistas, também, que já têm no campo, enfim, tem muito caminho pela frente, principalmente a parte da terra, a parte agrária, essa está muito emprenhada. Tem uma Justiça capenga, que atrapalha, que entrava, as nossas cabeças, a maior parte dos funcionários públicos que vieram da ditadura, ainda não incorporaram, mesmo nos órgãos públicos, esse compromisso, tanto na Caixa Econômica, quanto no INCRA, quanto nos órgãos que ainda têm o dever de fazer com que esse processo avance, e a nossa Justiça também. O poder latifundiário está muito presente, mas vai se quebrando, não está tão forte quanto naquela época.

Então, gente, eu, como o Moacir, sou um defensor desse registro. Eu me lembro do filme “Cabra Marcado Para Morrer” que a pessoa central, Pedro Teixeira e Elizabeth, a Contag, na época, fez toda uma mobilização para que se fizesse uma apresentação em Brasília e é um dever ocupar espaço. Está aí o movimento dos Sem-Terra, está aí o movimento sindical. Esse negócio de divisão aqui, embaixo, para fortalecer a direção, isso não dá. E unidade do movimento para avançar nessa luta. (Aplausos).

O SENHOR PRESIDENTE WALDIR PORFÍRIO DA SILVA:

Companheiros, tem três inscritos, mas antes o nosso querido Assis Lemos nos pediu

Divisão de Tradução e Revisão Taquigráfica

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA

gente, na Mesa, está trocando aqui, mas a Marina está presenteando o seminário, porque isso vai ser filmado, com várias fotos de Nego Fuba na China, em Moscou. São dez fotos que ninguém tem, inéditas e que a gente vai filmar para dispor para todo mundo. E dentre elas tem uma importante, que é a visita de Juscelino Kubitschek, no final de 63, ao município de Sapé. Nela está o Assis Lemos, que ele não sabia dessa foto, está falando, ao lado de Rui Carneiro, Juscelino, tem também aqui Geraldo Camilo, que era médico, foi prefeito, fundador das Ligas de Mulungu, que estará amanhã, aqui, fazendo a sua exposição, e temos Ivan Figueiredo, que foi candidato a prefeito, em 63, em Sapé, e que lhe roubaram as eleições - ele ganhou as eleições e não pôde nem entrar no Fórum para contar os seus votos. Então, isso é importante. Eu estou mostrando essa foto porque tem um detalhe da Liga, e é importante que se registre, era a forma de mobilização dos camponeses. Pois bem, Juscelino chegou em João Pessoa e queria visitar Sapé - Sapé era o centro das atenções, a maior Ligas do Nordeste. Aí procurou Assis, "a gente precisa ir lá com Juscelino". Ele, Rui Carneiro e Juscelino, aí Assis disse: "me dê uma hora e daqui a pouco vocês vão lá". Aí Assis acionou, que era um mecanismo de mobilização que existia na Liga, que era o quê? Na sede da Liga existia alguém com foguetões, então quando soltava, a partir da sede, o foguetão, os delegados da Liga, que ficavam em cada sítio, também soltavam os foguetões. Soltava um, primeiro, o outro sabia que era da Liga, soltava o outro, daqui a pouco todos os trabalhadores rurais que estavam na enxada, estavam fazendo alguma coisa, largavam tudo e vinham para a cidade para saber o que aconteceu ou para defender algum companheiro camponês que estava sendo agredido ou preso e, assim, sucessivamente. Então é importante registrar a foto porque aconteceu isso e, de repente, quando Juscelino chegou lá, pensava que não ia ter ninguém, estava, desde a entrada do sítio Anta, lotado de gente, inclusive chegou um momento tal que desligaram o carro e os camponeses empurraram o carro até chegar à cidade de Sapé. Então, é um fato importante, histórico, e relembro isso aqui. A sombrinha era dela, que estava por detrás, segurando para Juscelino não levar chuva ou sol.

Divisão de Tradução e Revisão Taquigráfica

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA

outros iam soltando e o camponês parava o que estivesse fazendo e se dirigia para a sede da Liga.

Quando Juscelino esteve aqui, ele queria visitar Sapé e o partido dele, o PSD, não recomendava porque seria uma decepção muito grande, a imprensa ia noticiar que Juscelino iria a Sapé e não tinha ninguém para recebê-lo porque não tinha sido avisado. Então, foi exatamente isso que o Waldir falou. Eu pedi um tempo, avisei para a Liga de Sapé, o pessoal soltou os foguetões, foram soltando, o pessoal foi parando e caminharam para Sapé. Quando Juscelino chegou lá era uma multidão e terminou Juscelino dizendo: “eu fui candidato a prefeito de Belo Horizonte; fui candidato a governador de Minas Gerais; fui candidato a presidente da República, nunca, em nenhuma ocasião, vi algo semelhante”. Alguém fazer uma manifestação daquela, com tão pouco tempo, então Juscelino ficou de boca aberta pensando como era que a coisa sucedia, e eu expliquei como era.

Agora, como presidente da Contag e os companheiros falaram, em 1963 era ministro do Trabalho Almino Afonso, que decretou o direito do trabalhador rural, do camponês se sindicalizar. Até aquela época o camponês não podia organizar sindicato, não existia sindicato rural. E aqui na Paraíba como tinha havido eleições, nas Ligas Camponesas era proibido, no interior da Liga Camponesa, nas suas reuniões, alguém falar em política partidária e religião e qualquer coisa. Só se falava no interesse do camponês, o resto ficava de lado. Cada um podia ser comunista, ser católico ou protestante, o que íbsse. Na Liga e nas reuniões da Liga não se discutiam o problema nem religioso nem político, só se discutia o interesse dos camponeses, A luta contra o “cambão” e pela reforma agrária. Então, com a sindicalização rural e nas Ligas qualquer pessoa podia participar. Eu era agrônomo e professor, terminei presidente da Federação das Ligas Camponesas.

Tantas outras pessoas, que não eram camponeses, passaram a ser dirigentes das Ligas. Então, com o sindicato, e nas eleições, muita gente, aproveitando que os camponeses estavam se alfabetizando e o número de eleitores cada vez crescendo mais. muita gente queria se aproveitar da luta das Ligas para tirar proveito pessoal, se candidatando, entrando numa Liga. se candidatando para

Divisão de Tradução e Revisão Taquigrá fica



V,<

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA

eu, a Ofélia Amorim, a Iza Guerra, todos nós podíamos continuar batalhando em favor da reforma agrária, em favor da luta dos camponeses, mas não podiam ser mais dirigentes. Só quem poderia ser dirigente seria um trabalhador rural e por isso nós transformamos as Ligas Camponesas em Sindicatos de Trabalhadores Rurais e que ingressaram exatamente na Contag, em 1963.

É por isso que eu quero comunicar aos diretores da Contag que as Ligas Camponesas da Paraíba, de Alhandra, de Sapé e de todos os outros, se transformaram em

Sindicato dos Trabalhadores Rurais, em virtude, exatamente, com um passo a mais, como uma segurança de que aqueles órgãos iriam realmente defender os camponeses. E todos nós, que não éramos camponeses, podíamos continuar na luta, batalhando pela reforma agrária e a luta dos camponeses.

outro fato importante, aqui, que foi citado, na morte de João Pedro. Foram

presos e foram condenados, para que alguém se lembre, as seguintes pessoas: o Sargento

Francisco Pedro da Silva; o Cabo Antônio Alexandre da Silva; o vaqueiro Arnaud Bezerra; o fuzileiro e empresário Aguinaldo Veloso Borges; Pedro Ramos Coutinho de Ribeiro, dono da fazenda Miriri; e Antônio José Tavares, que era um político em Sapé. Todos foram condenados pelo Juiz Walter Rabelo, da cidade de Sapé, e no mesmo dia, a condenação foi às 10 horas, 10 ou 11 horas, pois bem, no mesmo dia, uma hora ou duas depois, Aguinaldo Veloso Borges, que era o sexto suplente de deputado, veio para João Pessoa e cinco deputados que estavam, na ocasião, exercendo o mandato, renunciaram, pediram licença para Aguinaldo assumir, e foi o que aconteceu. Duas horas depois da condenação, ele era deputado, aqui na Assembléia, naquela antiga Assembléia e, portanto, não podia ser preso.

Veio o golpe de 64 e nenhuns desses condenados foram presos, até hoje. Já prescreveu o crime e ninguém conseguiu prender eles. Foram condenados,



ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
 CASA DE EPITÁCIO PESSOA

A SENHORA EXPEDITA:

Bom-dia. Meu nome é Expedita sou filha de Elias Quirino e Nilza Cardoso Pereira.

Eu quero, em primeiro momento, parabenizar toda a Mesa e todos os componentes; todos os que se encontram presentes por estarem fazendo esse resgate da história do Brasil porque, na verdade, tem se perdido ao longo do tempo e, ao mesmo tempo, lamentar porque o nosso processo de educação tem, muito, contribuído para essa lentidão, para esse silêncio e, na verdade, a gente não tem visto outro movimento, no nosso Brasil, a não ser o movimento dos Sem-Terra Na verdade, ninguém mais saí às ruas para reivindicar, para protestar. Isso é lamentável porque, na verdade, isso é consequência de toda uma educação nossa, que está muito falho, que está muito a desejar, com relação a essa consciência coletiva. Nós estamos com a consciência individual, muito rarefeita e a consciência coletiva ainda está mais precária, ainda. Então, isso, eu lamento porque, como professora, eu fico muito triste que um momento como esse, de avanço, porque a semente foi plantada, a semente foi plantada com a idéia do meu pai, do Dr. Assis Lemos, que eu era muito pequena, do irmão, que também aqui se encontra, que acompanhou, sofremos também, porque sofremos o quê? Consequências, outras, de toda uma educação que nos foi tomada, ao longo do tempo, e que muito conseguiram resgatar o seu estudo, de forma mais tardia. Poderíamos estar com um avanço bem melhor e contribuindo, bem mais.

Hoje, como educadora do estado, sempre tenho procurado participar dos movimentos das lutas, mas, cada vez mais difícil. A luta de classe, como nós sabemos, ela é muito difícil e às vezes ela se perde no longo do tempo, por quê? Por questões partidárias e por questões de falta de consciência, mesmo, do nosso povo e da nossa classe.

Divisão de Tradução e Revisão Taquigráfica

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA

sentimos nada. Ou alguns que se destacam. Esse ou aquele foi beneficiado. São essas as minhas palavras e muito obrigada a todos vocês. (Aplausos).

O SENHOR PRESIDENTE WALDIR PORFÍRIO DA SILVA:

Está inscrita Marilene F. isso?

A SENHORA MARILENE:

£Meu nome é Marilene, eu sou filha de agricultor do brejo e me lembro, eu tenho 46 anos, e me lembro dessa época que as companheiras falaram aí. Então, o que eu queria registrar e dizer para as companheiras? Era que vocês não estão só, nós, do MST, continuamos essa luta. Estamos lutando por reforma agrária, mas eu gostaria, também, de dizer o seguinte. Hoje, ainda continua do mesmo jeito, em relação à polícia que devia defender nós. Os companheiros, trabalhadores aqui, sabem muito bem do que eu estou falando.

Eu queria dizer para Marina que nós temos um acampamento do MST e nós ocupamos o engenho Triunfo, esse engenho Triunfo falado aí, e esse acampamento, o nome dele é Nego Fuba e nós conhecemos de cor e salteado, essa história

Eu também queria dizer que no dia 05 de agosto de 2003 a polícia, rádio patrulha, não foi outra, não, foi a rádio patrulha, invadiu - ocupar, somos nós que ocupamos, nós recuperamos aquilo, de volta, que nos tomaram, há 500 anos - esse acampamento do Nego Fuba, de madrugada, com 80 policiais da rádio patrulha, e queimavam as coisas do povo e batiam no povo. Nesse dia morreu um trabalhador de lá. Mas o que também mais indigna a gente é que hoje ainda continua acontecendo. Os parlamentares dessa Casa sabem disso e nada fazem. A polícia é quem é a maior repressora, até hoje, no nosso estado. Infelizmente isso acontece, mas nós estamos aí, companheiros, e vamos dar as mãos.

A companheira que falava da questão da educação, eu me senti contemplada na fala dela. Para não tomar muito tempo, só gostaria de chamar o meio urbano para ter inveia dessa época das Liças. porque eu fiquei ali com inveia.

Divisão de Tradução e Revisão Taquigráfica



ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
CASA DE EPITÁCIO PESSOA

nada. O que é que nós temos? Política de assistencialismo e a gente batem palma para isso. Minha gente, a luta é a reforma agrária, é que vai tirar esse povo, é que vai dar comer a esse povo não só do campo, mas da cidade. Então, era para isso que eu queria chamar a atenção, para a gente ter inveja desse tempo em que as Ligas estavam. Era um tempo mais de repressão, mas o povo era mais organizado. Aí, o que é que acontece, hoje, com os trabalhadores que lutam por isso? Nós somos marginalizados, nós ainda somos chamados de crime hediondo, Foi o que aconteceu, aí, com a CPI da Terra. Hediondo é o latifúndio, minha gente, nesse estado, em todo o Estado da Paraíba; Flediondo é o latifúndio que criminaliza os trabalhadores que lutam pelos seus direitos para trazer comida não só para a mesa dos seus familiares, mas da cidade. Porque se a reforma agrária não for feita, pior vai acontecer nesse mundo, mas agente da cidade estamos aí, a gente não quer nem saber. Estamos a quase três semanas acampados na Lagoa e qual foi o movimento do meio urbano que se preocupou de saber por que o movimento dos Sem-Terra, que está aqui, em maioria, está na Lagoa? Denunciar a impunidade do massacre de Eldorado dos Carajás e cobrar a reforma agrária, cobrar o índice de produtividade que foi acertado, e ainda estamos trabalhando com o índice de 75. Então, é isso o que a gente tem que, hoje em dia, minha gente, dar as mãos, como a professora falou. Cadê a educação? Uma educação que deixa a gente abestalhado. E essa a educação que a gente quer para os nossos filhos? Então, o meio urbano tem que se preocupar com o que está acontecendo. Por que os trabalhadores estão reclamando? Mas não.

Então era isso que eu queria dizer e dizer para a companheira que o acampamento Nego Fuba é em homenagem ao seu irmão, sim. E nós estamos na luta. E Reforma Agrária! Reforma Agrária! Reforma Agrária! (Aplausos).

O SENHOR PRESIDENTE WALDIR PORFÍRIO DA SILVA:

Bom, gente, vamos chamar agora Calistrato.

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA

O SENHOR CALISTRATO:

Em primeiro lugar, eu queria fazer uma saudação a esse resgate da história. É uma das histórias, na realidade, escondida, esquecida, mas é de uma importância muito grande, seminário dessa natureza.

Eu sou um ex-presos político da ilha de Itamaracá onde fiquei dez anos preso. Depois de ser torturado, massacrado em Recife, Fortaleza, São Paulo e Rio de Janeiro, era jogado numa prisão e éramos todos nós condenados à prisão perpétua.

Eu entrei no Partido Comunista Brasileiro em 1963, mas com o golpe militar de 64, com esse massacre que o companheiro Assis Lemos e as companheiras disseram, que é pior que isso, ainda, o massacre ao povo brasileiro, em 67, sob a liderança do companheiro Carlos Mariguela, nós saímos do partido para resistir à ditadura, sob a luta armada, sob forma de guerra, de guerrilha, porque não acreditávamos nas posições do Partido Comunista Brasileiro, que nós saímos dele. Saímos porque não acreditávamos, por causa da coexistência pacífica, por causa da conciliação de classe, por uma série de coisas, e Carlos Mariguela, ex-deputado constituinte, do Comitê Central do Partido, foi expulso e nós o acompanhamos no chamado Agrupamento Comunista de São Paulo. Resistimos a ditadura, muitos companheiros foram mortos sob tortura. Mariguela morreu no dia 04 de novembro de 1969, mas nós continuamos a luta. Depois morreu Joaquim Câmara Ferreira, depois morreu Carlos Lamarca e nós na resistência. Eu, em 1971, fui preso, depois de um tiroteio na cidade de Olinda. Um companheiro morreu, quero denunciar aqui o envolvimento de Araújo, foi assassinado; eu e duas companheiras fomos presos e levados para o DOI-COD, que ficava no centro de Recife, e nós éramos torturados no Hospital Geral do Recife, na rua Gervásio Pires.

O SENHOR PRESIDENTE WALDIR PORFÍRIO DA SILVA:

Companheiro Calistrato, por favor, a gente está com o tempo...

Divisão de Tradução e Revisão Taquigráfica



ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA

brasileiro. Hoje, estou aqui organizando o famoso partidão, sou presidente da Comissão Executiva Estadual e estamos aí para somar, dizendo, como o companheiro Zé Francisco, que é a unidade, os nossos inimigos são tão fortes que nós não temos o direito de estar separados. Portanto, companheiros, é isso aí. E seminário como esse, é a luta do povo, é o Sem-Terra, são os partidos comunistas, são os movimentos sociais a se unirem porque só tem reforma agrária, ela é do tamanho da organização do povo, porque mesmo nós sabemos que a própria burguesia, a classe dominante pudesse patrocinar uma reforma agrária, isso ela não faz porque perde uma parte da propriedade privada.

Portanto, meus amigos, toda solidariedade do Partido Comunista a reuniões, a seminários dessa natureza.

Meu abraço e minhas saudações. (Aplausos).

O SENHOR PRESIDENTE WALDIR PORFÍRIO DA SILVA:

Bom, antes de passar a palavra a Júlio César, já que ele se inscreveu, eu gostaria de dizer que está presente o Padre Cristiano, de Campina Grande.

Tem um apelo do nosso querido Belo, da coordenação, que, para quem não preencheu ainda as fichas de inscrição, por favor, preencha, que é para a organização. Quem não preencheu, levante a mão, por favor. O companheiro Belo vai passar, agora, para entregar.

Companheiro Julio César, por favor. Saiu? Então, vamos encerrar passando a palavra para os companheiros palestrantes, para fazerem suas considerações finais.

O SENHOR ASSIS LEMOS:

Bom, meus amigos, todos estão sentindo que há uma necessidade muito grande de se realizar, de se repetir encontros como esse, em que as pessoas tomam conhecimento da história das lutas sociais no Nordeste e no Brasil.

Então, eu quero parabenizar os organizadores desse evento porque é uma oportunidade muito grande, esta que nós aqui, revivendo fatos passados, lutas dos nordestinos e dos brasileiros que hoje têm a possibilidade, têm a continuidade



ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
CASA DE EPITÁCIO PESSOA

países cresceram. Nós sabemos, é unânime o pensamento de que sem a reforma agrária nenhum país consegue crescer. (Aplausos).

O SENHOR PRESIDENTE WALDIR PORFÍRIO DA SILVA:

Companheira Marina.

A SENHORA MARINA MENEZES:

Eu quero agradecer por estar aqui e fico muito feliz de estar aqui. E a luta continua, companheiro e companheira. (Aplausos).

O SENHOR PRESIDENTE WALDIR PORFÍRIO DA SILVA:

Companheira Neide.

A SENHORA NEIDE ARAÚJO:

Bom, gente, movimentos como esse, e outros que virão, fazem parte da nossa história, a luta pela reforma agrária faz parte da nossa história. Nós precisamos dela porque com a reforma agrária nós teremos uma vida melhor, o nosso social será melhor.

Obrigada a todos e boa-tarde. (Aplausos).

O SENHOR PRESIDENTE WALDIR PORFÍRIO DA SILVA:

Bom, companheira Elizabeth.

A SENHORA ELIZABETH TEIXEIRA:

Quero agradecer a todos, aqui, por estarem firme na luta por uma reforma agrária. Todos têm conhecimento da luta de João Pedro Teixeira, que foi quem iniciou essa luta no Estado da Paraíba, no município de Sapé. Eu agradeço pela firmeza, na luta por uma reforma agrária justa em nosso país. Agradeço a todos

Divisão de Tradução e Revisão Taquigráfica

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA

O SENHOR PRESIDENTE WALDIR PORFÍRIO DA SILVA:

Bom, companheiros, nós vamos encerrar aqui.

Eu gostaria somente de dizer que estou muito feliz. Eu comentava, ontem, com os companheiros da coordenação, a gente se reuniu até as 20 horas, que tinha esse sonho de juntar os camponeses porque em 1995, eu trabalhei com o Deputado Zenóbio Toscano dez anos, surgiu aquela lei de indenização dos mortos, dos desaparecidos políticos e ele abriu o gabinete dele para receber os familiares dos mortos e desaparecidos políticos. A gente viajou, andou, foi quando eu conheci Neide, foi quando eu conheci Elizabeth, a gente fez o processo de João Pedro, infelizmente — Nilmário Miranda, inclusive, veio aqui, nós fizemos uma sessão da Comissão de Direitos Humanos, da Câmara -, não ganhamos lá porque não foi a mão do estado que assassinou ele, essa foi a alegação. Aí conheci essa figura querida que é Marina. A partir daí comecei a ajudar o deputado nesse processo de indenização que houve, agora, e foi aí que eu conheci boa parte do pessoal das Ligas, o pessoal que participou da luta contra a ditadura. Então, para eu participar da realização desse seminário, a Socorro Rangel, que está ali, escondidinha, professora, especialista, foi ela que primeiro ligou para mim para dizer: “olha, Marina está te procurando. Tem um seminário, tal, te prepara” e a gente se encontrou, às 10 horas, para conversar sobre ele. Malagode que está ali, escondidinho, mas o Professor Malagode ajudou muito a gente nesse seminário e eu fico muito feliz.

Para mim é um sonho em estar aqui, do lado, e estar aqui, diante de muitos líderes daquela época, que para mim eram ídolos de papel e que depois passaram a ser líderes de carne, unha. Eu comecei a conviver, receber material dos seus processos e hoje nós temos um arquivo volumoso; talvez o maior arquivo, na Paraíba, sobre a ditadura militar é no gabinete do Deputado Zenóbio Toscano, graças a todos os processos que a gente enviou para Brasília e que a gente escutou de pessoas aqui.

A SENHORA NEIDE ARAÚJO:

Eu quero dizer aos presentes que na universidade, na UEPB foi

Divisão de Tradução e Revisão Taquigráfica

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
CASA DE EPITÁCIO PESSOA

Houve o atentado em Sapé, em que ele tem a perna mais curta, como a Marina disse, porque ele tem uma platina no fêmur e uma platina na omoplata, em consequência de um atentado. Houve o atentado de Itabaiana, que o companheiro Assis Lemos também sofreu, no mesmo dia, os dois estavam juntos. Então, o meu pai era aquela formiguinha que saía trabalhando, de casa em casa, para que o movimento andasse. Então, vocês vão conhecer melhor a história dele.

Obrigada. (Aplausos).

O SENHOR PRESIDENTE WALDIR PORFÍRIO DA SILVA:

Bom, gente, damos por encerrado.

A parte da tarde começa às 14 horas, como debate: “A Atuação dos Advogados, Intelectuais, Estudantes e Imprensa”. Está bom?

*ESTADO DA PARAÍBA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
CASA DE EPITÁCIO PESSOA*

Houve o atentado em Sapé, em que ele tem a perna mais curta, como a Marina disse, porque ele tem uma platina no fêmur e uma platina na omoplata, em consequência de um atentado. Houve o atentado de Itabaiana, que o companheiro Assis Lemos também sofreu, no mesmo dia, os dois estavam juntos. Então, o meu pai era aquela formiguinha que saía trabalhando, de casa em casa, para que o movimento andasse. Então, vocês vão conhecer melhor a história dele.

Obrigada. (Aplausos).

O SENHOR PRESIDENTE WALDIR POREÍRIO DA SILVA:

Bom, gente, damos por encerrado.

A parte da tarde começa às 14 horas, como debate: “A Atuação dos Advogados, Intelectuais, Estudantes e Imprensa”. Está bom?

A SENHORA PRESIDENTE SOCORRO RANGEL:

Boa-tarde.

E com muita alegria e com muita emoção que a gente começa essa segunda sessão, desse encontro tão bonito.

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
CASA DE EPITÁCIO PESSOA

ausência, exatamente nesse cenário da praça João Pessoa, da Faculdade de Direito, onde

estudei, me deixa profundamente emocionada e com saudades de mim mesma, como diz o

verso do nosso poeta maior. Saudades de mim mesma porque talvez eu tenha perdido, nos

percalços dessa vida, um pouco ou talvez muito dos meus sonhos, do meu idealismo e hoje,

aqui, com vocês eu estou recuperando isso, recuperando as minhas crenças num país melhor,

numa sociedade mais justa e mais humana, pela qual eu lutei, juntamente com companheiros

que estão aqui, na minha juventude tão longínqua.

Ao abordar a participação dos advogados nas Ligas Camponesas, eu gostaria inicialmente de prestar uma homenagem e dois advogados: o primeiro é Francisco Julião, o

grande advogado que iniciou o trabalho comprometido da advocacia com a luta no campo.

Embora, no Estado de Pernambuco, o trabalho de Julião se espargiu por todo o Brasil e trouxe

uma nova consciência aos advogados, de então, que poderiam usar as leis existentes, embora

retrógradas, embora protegendo os proprietários de terra, que elas poderiam ser usadas em

defesa dos camponeses. E o outro advogado que eu gostaria de lembrar e rememorar aqui, é o

Doutor João Santa Cruz. Esse, um paraibano que chegou a compor o Tribunal de Justiça do

Estado da Paraíba, pelo 5º Constitucional, ou seja, indicado como o representante da

advocacia, dentro do Tribunal de Justiça. Essa pessoa, essa figura humana, de uma grandeza, que todos nós que tivemos o privilégio de conviver com ela,

ESTADO DA PARAÍBA
 ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
 CASA DE EPITÁCIO PESSOA

de ganhar dinheiro para o sustento de sua família, para o trabalho nas Ligas Camponesas. Foi ele que me pediu para fazer um primeiro trabalho para as Ligas - eu ainda era estudante de 1 Direito e me pediu para fazer - ou seja, me deu um livro de ouro, naquele tempo existia isso, l uma caderneta para que eu saísse pedindo dinheiro para as Ligas Camponesas. Era um l choque, na João Pessoa daquela época, fechada, sem nenhuma abertura para os problemas \ sociais e até, digamos assim, morria de medo das Ligas Camponesas. Então, o nosso primeiro \

i trabalho foi exatamente arrecadar dinheiro para as Ligãsj Nessa época já havia o grande movimento de Sapé, que Assis, hoje, com muita propriedade, colocou e relembrou para vocês e que eu não vou fazer.

| Mas, nós, então, começamos a ver que precisávamos trabalhar, quer dizer, 'advogar para aqueles camponeses. Como se daria essa situação, num um processo de luta? Quer dizer, como seria o trabalho de um advogado num processo de luta tipicamente dentro da contradição capital e trabalho, com o Código Civil que protegia a propriedade como direito absoluto? Como nós faríamos isso? E como trabalharíamos também, diante das agressões que os camponeses e aqueles que se dedicavam ao trabalho, junto a eles, sofriam diariamente? Como o nosso companheiro Assis Lemos foi vítima dessa violência brutal ao ser espancado, digamos assim. Então, nós começamos a discutir e a pensar como fazer esse trabalho. Dizem que a lei sempre tem brechas, quer dizer, o problema é você ser um bom advogado para descobrir aonde existem essas brechas que você pode usar para defender aqueles que aparentemente a lei não está protegendo. E uma dessas brechas era exatamente a questão da posse, que no nosso Direito, como era no Código Civil anterior, de 1916, e é no atual, a posse é mais importante até do que a propriedade e ela independe de documentos. Então, o nosso trabalho começou a defender essa posse que os camponeses tinham; tinham até em razão de contratos tipo "cambão", tipo a meia, tipo a terça, mas eles detinham a posse, como o Código diz, quer dizer, é uma situação de fato, eu tenho, eu seguro, a terra está na minha mão, eu , posso, inclusive permitindo até que houvesse uma defesa física diante das agressõesT^

Então, os nossos primeiros trabalhos nas Ligas, como Julião fizera, em

ESTADO DA PARAÍBA
 ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
 CASA DE EPITÁCIO PESSOA

companheiro Dantas, que estava aqui presente, amanhã deverá falar para nós, de trabalhar na região do brejo da Paraíba, ou seja, Areia, Alagoa Grande, Alagoa Seca e Campina Grande, quer dizer, nosso trabalho começou se efetivar nessa região, onde a exploração era brutal nos engenhos de cana-de-açúcar e também por esse sistema de o camponês ter a terra, plantar e quando tudo estava pronto para a colheita, ele ser despejado. Então, eu lembro bem que o meu primeiro processo foi exatamente segurar um camponês que havia sido despejado porque as Ligas trouxeram um fenômeno interessante, embora detentores do poder absoluto, inclusive contando com o apoio da Justiça e da polícia, os proprietários de terra, diante das reações das Ligas, começaram a ter um certo medo, um certo receio de, por exemplo, espancar os camponeses para que eles abandonassem a lavoura que haviam preparado, plantado. Então, começaram a fazer processos judiciais, notificava para desocupar e se o camponês evidentemente não tivesse advogado, decorria do prazo que lhe foi dado e ele seria despejado.

^Então, nós começamos a fazer esse trabalho de defender a posse. Quer dizer, quando eles-,

j entravam com a ação de reintegração de posse, nós contestávamos e íamos discutir na Justiça,

i

[quer dizer, aparentemente parecia fácil, mas havia toda uma violência ao redor disso, quer dizer, violência, ameaça, espancamentos, até, dos líderes e isso, como uma forma de, mesmo havendo processo judicial, obrigar os camponeses a desistirem e entregarem, como era realmente o objetivo dos proprietários de terraT^Além dessa atuação, nós começamos a também defender os direitos trabalhistas, até então, como Assis falou, hoje - vou sempre me referir porque a exposição dele foi bem completa, da situação existente, na época —, os camponeses não tinham o menor direito, mesmo quando ele era empregado, quer dizer, não posseiro, nem meeiro, mas, quando ele era empregado, ou seja, ele não tinha jornada de trabalho, ele não tinha férias, não tinha aviso prévio, naquela época ainda não tinha sido votado o 13º que foi uma grande conquista do trabalhador brasileiro, mas durante o governo de João Goulart.

/coincidência havia sido criada a primeira Junta de Conciliação e Julgamento na

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
CASA DE EPITÁCIO PESSOA

/em Campina Grande, era uma pessoa socialista. Então, quando entrou a primeira reclamação contra um senhor de engenho, de Areia, ele - é lógico que a gente tendo a proteção do juiz, as coisas vão bem mais fáceis - deu a decisão favorável ao camponês. Quer dizer, pela primeira vez havia sido questionada a relação de trabalho sem os direitos assegurados ao trabalhador, seja do campo, seja da cidadeT^

Agora, além desse trabalho, também na área trabalhista, havia a parte criminal. E lógico que nós estávamos, ali, na defesa dos que fossem agredidos, dos fossem espancados e a questão era um pouco mais complicada porque essa primeira fase do processo criminal se dá nas delegacias de Polícia e naquele tempo, na Paraíba, só havia delegacia de Polícia nas grandes cidades, na maioria era comissariado de Polícia e esses comissariados estavam nas mãos de cabo da Polícia, no máximo de sargento, quer dizer, de pessoas que achavam que tinham o poder de vida e de morte sobre os camponeses e que viam as Ligas Camponesas como a representação do que tinha acontecido, isso no ano de 62, a representação do que tinha havido em Cuba. Então, era uma coisa até paranóica, um medo e eles enfrentavam esse medo com violência contra o advogado e contra o seu cliente. Então, prendia um camponês, a gente ia lá para tentar ver se resolvia a coisa, ele não concordava, expulsava a gente do comissariado e nós tínhamos, então, que recorrer ao juiz de Direito e o juiz de Direito também era contra as Ligas, achava que pegavam criancinhas, jogavam para cima e aparavam com a espada, como diziam que os comunistas fizeram na Revolução de Bolchevick. Então, eles também negavam e a gente tinha que recorrer ao Tribunal, contra a ordem do juiz. Então, era uma luta muito desigual porque, mesmo na área judicial, os advogados desses proprietários contavam com o apoio do juiz. Devo dizer, com toda honestidade, que no Tribunal de Justiça da Paraíba havia muitos desembargadores que eram pessoas com idéias socialistas, com idéias, pelo menos, humanistas, um deles era o Doutor João Santa Cruz, que era desembargador. Então, a gente atuava como advogado se valendo não só dessas brechas da lei, como também desse apoio, que tinha que ser velado, mas que se manifestava através de decisões. Então, começou e acho que nós demos uma contribuição nesse sentido, até porque eu era uma mulher, bem jovem. Hoje, eu

ESTADO DA PARAÍBA
 ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
 CASA DE EPITÁCIO PESSOA

estava aqui, subiu no palco com o buquê de flores e me entregou, e que fez toda aquela

cerimônia do Teatro Santa Rosa, fez muita gente chorar de emoção. E no dia seguinte eu fui

com Assis para Sapé, para ser apresentada aos camponeses como a sua nova advogada e, eu

lembro que muitos disseram assim: “nossa, mas essa menina vai lá saber defender os direitos

da gente”. Quer dizer, até porque havia uma descrença no trabalho da mulher na nossa

cultura, da época, e existia também, evidentemente, no meio camponês.

Então, a atuação dos advogados das Ligas se deu exatamente nessas três frentes, chamemos assim:

No Direito Civil, defendendo a posse dos camponeses contra as arbitrariedades;

no Direito do Trabalho, nas relações do trabalho, tentando impor o cumprimento da Legislação Trabalhista, que a nossa, a consolidação nossa é de 1943 e é, do ponto de vista Jurídico, uma Legislação muita

|

1 avançada e protetora dos direitos do empregado. Só que ela não era nem conhecida, muito menos cumprida nos meios camponeses;

na área criminal, tentando evitar, nós não podíamos porque a violência f a gente não evita, a gente pode até fugir dela em determinados momentos, mas na maioria das vezes não se evita violência. A partir do ;í

momento em que você começa a contestar, a discutir e a tentar quebrar

i o poder, a violência surge como consequência da luta. Então, a gente,

|

na área criminal, tentava tomar o menos grave possível as punições que vinham sendo impostas, há muitos séculos, aos nossos camponeses^)

Então, nós estávamos nesse trabalho, já estávamos até iniciando a formação de Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Gostaria de dar aqui um depoimento, eu acho

ESTADO DA PARAÍBA
 ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
 CASA DE EPITÁCIO PESSOA

i

! |

Associação de Trabalhadores Rurais, como entidade civil, mas ela não tinha uma feição

institucional como tem o sindicato. Então, o que fazia a Igreja? Nas regiões em que as Ligas

j estavam crescendo muito e derrubando um pouco o poder dos latifundiários, a Igreja criava o

! Sindicato Cristão e até muitos padres, nos sermões da Igreja, ameaçavam os camponeses, que

se filiassem às Ligas, de excomunhão porque a Liga era comunista. Então, quem se filiasse

j seria expulso, não poderia nem casar, nem batizar os filhos. Então, o sindicato, inicialmente,

j, começou com esse antagonismo e até, digamos assim, enquanto a Liga enfrentava o poder do

) latifúndio, os sindicatos tentavam dar ao camponês uma visão bem religiosa e isso dificultou

i

:/ muito o trabalho das Ligas, até o golpe de 64. Quando começou essa criação, os padres

j

' corriam antes que se fundassem o sindicato, oriundo das Ligas Camponesas, os Padres

criavam os Sindicatos Cristãos para não dar tempo de criar o sindicato, que viriam os líderes

j das Ligas e iriam contestar aquela orientação religiosa. Religiosa não do ponto de vista de (

l luta, mas religiosa do ponto de vista bem de

Bom, então nós estávamos nessa disputa, e eu vivi bastante isso, quando veio o golpe de 64, e aí eu acho que mesmo aqueles que não tinham nem nascido, na época,

ESTADO DA PARAÍBA
 ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
 CASA DE EPITÁCIO PESSOA
 A SENHORA IZA GUERRA:

A primeira coisa que eu quero dizer é que estou muito feliz com essa sala cheia de mulheres porque quando nós trabalhávamos na Liga Camponesa, eram tão poucas que nós chamávamos a atenção. Não só as que trabalhavam como apoio, que é o caso da Ofélia e eu, mas, sobretudo das próprias camponesas que não tinham condições de se manifestar. Então, eu estou muito feliz de ver tanta mulher aqui, de chapeuzinho, batalhando, gritando: “vamos pela reforma agrária”. Só aí já está ótimo.

A outra coisa, eu quero agradecer o convite para vir para cá. Eu arrumei a mala, correndo para vir encontrar vocês. [eu precisava disso porque quando um país passa grandes.

I crises, como nós estamos passando, crises econômicas, sociais, éticas, é necessário recuperar!

I j a sua memória, a memória das suas lutas para que a gente não se sinta derrotado, para que a j gente não pense que todo sacrifício foi em vão. Então, é fundamental que se faça isso que vocês estão fazendo, que traga aqui para que nós possamos pensar juntos, refletir e ver que nós não somos os vencidos, nós somos aqueles que conseguimos construir aquilo que vocês estão fazendo, dando um passo de qualidade à frente do trabalho que nós fizemos.

Nós, hoje, estamos vendo aqui que Assis contou a grande luta, as misérias que eram os camponeses naquela época. E apesar de nós estarmos tão longe da reforma agrária, nós temos conquistas e uma conquista que ninguém pode tirar, que é a construção da consciência coletiva, da capacidade de luta, da falta de medo. Então, nós estamos aqui porque j



TM 488!í' :- •

ESTADO DA PARAÍBA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA CASA DE EPITÁCIO
PESSOA

interesse pelos pobres da periferia? Por que foram bater em Sapé, onde estavam construindo as Ligas Camponesas?

Algumas coisas são muito interessantes da gente vê. A primeira é que essa geração era a geração que vinha da ação católica, da JUC, e a Igreja estava extremamente dividida nessa época. De um lado nós tínhamos as propostas da Rerum Novarum, do Papa, para construir uma outra via de desenvolvimento que não fosse nem o comunismo, nem o capitalismo, e então a Igreja investiu muito forte na formação de militantes. Mas, acontece que os militantes, isso acontece com todo mundo, quando você encontra uma luta popular forte, você começa a desmoronar o seu quadro teórico bem organizado. Então, a realidade era bem diferente do que a gente estava propondo; a realidade mostrava que nessa luta entre rico e pobre, nós tínhamos que fazer a escolha, nós não podíamos ficar no meio do caminho, e a escolha gradativamente foi indo para o lado dos pobres. Isso se deu e tem os marcos muito profundos, foi quando o movimento da JUC se aproximou das Ligas Camponesas, em 61/62, e nós nos vimos diante de uma realidade que nem a Igreja, nem a ideologia proposta, nem a terceira via nos respondia, nós tínhamos que estar do lado dos camponeses lutando pela posse da terra e pelo seu direito, ou então nós não podíamos fazer nada. Foi muito interessante porque houve uma reunião, no Rio, com os bispos e os bispos nos botaram uma faca no peito: "ou vocês deixam de trabalhar com as Ligas Camponesas ou vocês serão expulsos da hierarquia da Igreja". Olha, vocês não podem imaginar como nós adoramos isso, nós saímos da JUC, nós criamos a ação popular e a partir daí nós podemos entrar uma visão mais pluralista da história. E aí nós começamos a namorar o Partido Comunista - não foram as pessoas, foram os dois grupos, embora tenha havido namoros também nós começamos então a estudar marxismo, imaginem aonde? Na Associação Paraibana de Imprensa, na segunda-feira, escondidos. Eu estudava numa universidade de freiras e não podia estudar Marx. Então, nós dizíamos que ia estudar não sei o que e íamos lá e encontrávamos Assis, Leonardo, Adalberto, a turma da nesada e nós começamos a ver que era possível ser cristão ter um a

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
CASA DE EPITÁCIO PESSOA

Então, enquanto nós fazíamos esses estudos, essas divagações, nós fazíamos alfabetização nos bairros da periferia de João Pessoa. Entramos em contato com Paulo Freire que tinha desenvolvido o método de alfabetização e aí a CEPLAR avançou a campanha de educação popular que ela queria trabalhar com as lideranças e as lideranças estavam se formando em Sapé, nas Ligas Camponesas. Hoje, escutando a Elizabete falar, a Marina, todos que falaram hoje... jo meu primeiro encontro com Pedro Teixeira e quando ele me levou para Sapé - naquele tempo eu era bem novinha - e aquela quantidade de homens e eu tinha que falar com eles sobre os direitos deles e que era importante que eles soubessem ler e escrever para que eles pudessem trabalhar e entender as leis contra as quais eles estavam lutando.

Então, essa reviravolta dentro da CEPLAR foi muito importante porque ate então ela estava abrindo espaços, mas nós tivemos que trazer uma pessoa que ela falou, nosso guru, que era o Paulo Pontes, e o Paulo Pontes era um comunista conhecido, um rebelde e um rebelde com a causa e que começou a trabalhar a questão da cultura popular e a cultura popular rumo a partir

3ª. |

: daquilo que o povo sabia.

Como é que nós poderíamos trabalhar e fazer com que se desenvolvesse a consciência, a politização, a capacidade de organização que os camponeses já tinham, mas que eles precisavam dar uma orientação melhor? Para isso era necessário ter um instrumento

... ..

ESTADO DA PARAÍBA
 ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
 CASA DE EPITÁCIO PESSOA

uma delas, importante, era que na população da Paraíba, em 1960, 69% de pessoas de 14 anos j para cima eram analfabetas. Então, isso é uma tragédia em qualquer lugar e, ao ter (consciência dessa tragédia, cada um de nós, na sua posição, na Igreja, no partido, advogado,

*\ nós dissemos: “nós não vamos poder aceitar isso”, porque também existia no mundo um movimento que facilitava a nossa própria conscientização, que era a Revolução Cubana, que eram os grandes movimentos sociais na Europa que nos davam esperança, que dava vontade i j de entrar nessa onda da história para construir alguma coisa de útil**

Agora, eu vou parar porque os outros vão falar, depois vocês perguntem o que quiserem.

Agora, eu quero dizer para vocês que essa esperança continua, eu sou utópica, inveterada, doente, estou sempre acreditando, tanto que eu estou terminando um projeto, no Amapá, de alfabetização; fiz alfabetização com os camponeses do Chile - aqui, eu fui presa e fui exilada; fiz também em Costa Rica e nunca estive longe da terra, nunca estive longe dos camponeses porque eu acho que daí é aonde está realmente o problema central que é quebrar o direito da propriedade eos senhores. Depois a gente fala mais. (Aplausos).

A SENHORA PRESIDENTE SOCORRO RANGEL:

Eu queria pedir três licenças: licença para a coordenação do projeto, para fazer uma coisa que não estava programada; licença para os rapazes da Mesa e para os rapazes que estão aqui, no cenário, jovens; e queria pedir licença para o Senhor Elias, de Alhandra, para repetir, Seu Elias, agora, neste momento, o seu gesto de levar flores para Ofélia, no dia que ela se formou. A gente não tem as flores de verdade, mas a gente pode dar umas flores para ela, não pode? Agora? A gente não pode dar? Então, com licença, vamos dar flores para elas, para as duas, essas meninas lindas que fizeram a história das Ligas. (Aplausos).

Bom, agora os meninos podem falar.

Adalberto Barreto.

O SENHOR ADALBERTO BARRETO:

p. "Companheiros, a Associação Paraibana de Imprensa teve ligações, muito | profunda, com o movimento camponês, que hoje relembramos, e não somente

ESTADO DA PARAÍBA
 ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
 CASA DE EPITÁCIO PESSOA

movimento camponês. A API se fez o ponto de encontro e o palco para os movimentos sociais que eclodiram naquela época, em nosso estado

Minha eleição à presidência já fora lance do movimento de rebelião. A vanguarda de esquerda na imprensa, liderada por Gonzaga Rodrigues, e com apoio da maioria, ativa ou passiva, empreendera com sucesso a tomada da API. O velho e querido José Leal nem por isso deixou de ser aliado de seu nicho histórico para dar curso livre à torrente revolucionária que nos arrastava. Era torrente revolucionária, mesmo. Nossa ambição política não se satisfazia com as reformas do figurino, ainda burguês, de Darcy Ribeiro. Queríamos todo o poder que se irradiava da Revolução Cubana e do vôo orbital de Gagarin. Não tínhamos armas nem organização de luta, mas sobrava a força da convicção e do entusiasmo intensos que repercutiam fácil sobre a atmosfera de revolução que envolvia toda a América Latina. Nosso arrojo, ainda que só retórico, vencida os indecisos, atraía os oportunistas, ocupava espaços de poder no governo estadual, ainda inseguro quanto ao desenrolar dos acontecimentos. Os golpistas estavam certos. Com o apoio decisivo dos militares, agiram a tempo. Para o bem ou para o mal, teríamos feito a revolução socialista naquele momento.

A partir de minha eleição na API, ela se transforma em espaço aberto à agitação de idéias libertárias que empolgava o país e o nosso estado (aplausos). A API estava sempre aberta, do dia à noite, para a troca de novidades políticas, para as palestras, para as conferências, para os debates, para as entrevistas engajadas; tornou-se a ante-sala da imprensa paraibana e o grande palanque para todos os discursos da revolução em vias de acontecer.

Se Pedro Fazendeiro tinha alguma truculência no campo a denunciar, era na API que se fazia ouvir; se era Brizola a visitar a Paraíba, era na API que primeiro desembarcava o seu discurso flamejante. Todas as mentes de esquerda afluíam aos seus salões para discutir a leitura do último livro, para comentar o último progresso da luta operária, para aplaudir a última conquista dos países socialistas. A API se convertera, de fato, na grande caixa de ressonância de nosso fervor revolucionário; plenário permanente dos movimentos de esquerda na Paraíba, entre eles tinha acústico especial os atos de insubmissão que explodiam no campo. O movimento camponês foi certamente o levante mais organizado,

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
CASA DE EPITÁCIO PESSOA

O General Costa é Silva, então comandante do IV Exército, sediado em Recife, convoca o Diário de Pernambuco para uma entrevista - foi no setembro anterior ao golpe, se não me engano. Assunto: denunciar a API como o grande foco da subversão na Paraíba. Arrependo-me de não ter emoldurado a entrevista para exibi-la entre os troféus de suas glórias, embora fosse pequena a chance de sobreviver ao furor crematório daqueles que nos substituíram, de carona, no golpe.

A projeção que a API ganhou, naquele momento, como porta-voz de camponeses, de estudantes, de trabalhadores urbanos e intelectuais, teve naturalmente suas causas para ser o que foi. A mais simples, geofísica: a centralidade da sua sede numa João Pessoa ainda unicêntrica, que só mais tarde se dispersaria no policentrismo de agora. E estava sempre de portas abertas, oferecia o cafezinho bem-feito de Dona Marieta. A causa mais importante: seus dirigentes e aliados exerciam grande influência no aparelho de comunicação do governo Pedro Gondim. Presidente da API, eu era diretor da rádio Tabajara e desconfio, por isso mesmo, escolhido presidente. Gonzaga Rodrigues, Severino Ramos, Jório Machado, Firmo Justino e muitos outros dispunham de espaço livre no jornal "A União" dirigido no primeiro Governo Gondim, por Otacílio Queiroz, e no segundo, por Hélio Zenaide. Os outros jornais acompanhavam a maré montante da revolução, mesmo à revelia dos seus dirigentes - a revolução estava no ar e dissolvia as resistências menos firmes.

Mais do que da índole liberal reconhecida, de Pedro Gondim, o movimento aproveitou a hesitação, ante o desfecho que poderia tomar o teatro político nacional, que por algum momento pendeu a favor do projeto Goulart de reformas de base. Seu liberalismo não resistiu e se acomodou à ditadura do golpe. Ainda assim, foi o melhor governante daquela fase de transição, em nosso estado.

Televisão, ainda no futuro, rádio e jornal dominavam a comunicação de forma absoluta. O jornal A União e a rádio Tabajara eram então os veículos de informação mais influentes do estado. Lembro o confronto de Miriri: camponeses armados com ferramentas de trabalho impuseram algumas baixas a sicários alugados ao latifúndio. O evento foi reportagem exclusiva de A União, com veículo de transporte e cobertura da rádio Tabajara, e os vilões da reportagem gêmea não

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
CASA DE EPITÁCIO PESSOA

Caberia indagar. Movimentos regionais, como as Ligas Camponesas, poderiam prosperar agora, sob as luzes bem vigilantes e seletivas da televisão central, se o seu sucesso dependesse de simpatia da mídia? Acho que não. Sob o império da televisão, rádios e jornais locais perderam força de informação e opinião e as próprias afiliadas são brechas locais muito estreitas que pouco vêem a realidade à sua volta. O regional e o local caíram na obscuridade em nosso país. Antes dela, rádios e jornais regionais dispersavam o poder político e cultural; agora vivemos sob a ditadura da televisão centralizada, que o fragmentarismo caótico da internet não consegue atenuar.

| Enquanto diretor da rádio Tabajara, tive plena liberdade de programar, de informar e de opinar. O Salão de debates, entregue a Severino Ramos, entrevistava Pedro Teixeira, José Jóffily, Miguel Arraes e Luiz Carlos Prestes; os atos da luta camponesa e dos

|

/trabalhadores urbanos recebiam cobertura pronta do Repórter Tabajara, apresentado, de hora

—

em hora, por Paulo Rosendo. Os grandes concertos populares musicavam nossas mensagens

de revolução. O jornal A União não fazia por menos. A API era o vértice e a fonte de alimentação desse triângulo bem articulado de comunicação politizada. Foi por isso que Assis Lemos teve a idéia, logo aceita pelos líderes dos movimentos de esquerda, de me fazer presidente da Frente de Mobilização Popular da Paraíba. O aparato de guerra que o Major Cordeiro montou para nos prender, em sua sede, era a evidência do quanto a API parecia temível. Suspeitavam que o andar térreo estivesse erigido das armas vindas de Cuba. Esquecíamos, em nosso entusiasmo quase infantil, que os limites existiam. Por algumas horas ousei que a rádio Tabajara aderisse à cadeia radiofônica liderada pela emissora Farroupilha, por onde Brizola lutava bravamente pela posse de Goulart. Alguns meses depois de minha prisão no 15º Regimento de Infantaria, foi a primeira, era demitido por Pedro Gondim, mas não me deixava sem emprego.

^ O movimento camponês era certamente a grande força revolucionária da região

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
CASA DE EPITÁCIO PESSOA

*Renato Ribeiro Coutinho, usineiro e símbolo da reação em nosso estado — dizem que não teve [alternativa senão gritar vivas a Fidel Castro. Creio que o medo gerado pela força já *

desempenhar na revolução brasileira, ainda por fazer, revolução aqui entendida em seu sentido menos cruento. A industrialização urbanizou o país; a população rural ficou reduzida a pequena fração da população total; as grandes lavouras de exportação se ruborizam para filgir ao emprego; o algodão que o Nordeste podia produzir, empregando milhões, é produzido nos cerrados por algumas máquinas de funções integradas. Acontece que a globalização é, sobretudo, a corrida mundial, para o menor salário onde ele estiver. O capital, agora, liberta das suas prisões geográficas pelas comunicações, em tempo real, e a Ásia mais a África, na fila, represam o imenso reservatório de braços ansiosos por exploração; exército quase infinito de mão-de-obra de reserva que se oferece ao capital, a preço miserável. As indústrias brasileiras já se transferem para a Ásia ou deixam de produzir no país componentes ou produtos que podem importar, mais barato; nossas exportações de soja já revertem aos grãos e o couro vai substituindo as exportações de calçados; os juros astronômicos e o Real valorizado colaboram para isso. A urbanização vai se degradando em vasto, caótico e conflituoso amontoado de desemprego.

fugidia. As conquistas sociais da Europa ainda se mantêm ao preço da estagnação e do atraso relativo. Logo cairão. Se a ONU tivesse a vontade e poder para tanto, resolveria os problemas do mundo com decreto extremo: instituiria um salário mínimo justo, jornada de trabalho de três horas, com semana de apenas quatro dias, e férias longas - isso, obrigatório para todos os países. O desemprego seria abolido e a prosperidade viria geral; a competição se deslocaria do menor salário para a inovação tecnológica e para a eficiência, isso porque o grande desafio de nossa época resulta da perda do poder de pressão do trabalho, ante a mobilidade geográfica, sem mais barreiras que o capital conquistou, agora livre para apropriar-se de posição cada vez maior, da mais valia, criada. Como a ONU não tem a vontade, e poder ainda menos, o Brasil, já de salários mais altos do que a China ou a Índia, depara o desafio de encontrar abrigo para

| acumulada, e também pelo potencial do movimento camponês, particularmente

ESTADO DA PARAÍBA
 ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
 CASA DE EPITÁCIO PESSOA

A SENHORA PRESIDENTE SOCORRO RANGEL:

Agora, o Gonzaga Rodrigues, jornalista, na época das Ligas.

O SENHOR GONZAGA RODRIGUES:

Boa-tarde, meus amigos.

Eu tenho muito pouco a acrescentar ao testemunho de Adalberto Barreto e não podia ser diferente porque, ambos, somos do mesmo setor, do mesmo eito, trabalhamos juntos e continuamos juntos. Apenas, eu queria detalhar um aspecto. Por que a imprensa daquela época era mais atuante, digo melhor, mais militante, mais participativa? Por que isso? Eu não sei responder, "omo teórico, muito menos como estudioso, mas como homem prático, e tiro por mim. Por que eu, que fui educado para ir para o seminário, que tinha uma mãe devota, anticomunista, aderi à causa do socialismo, das Ligas Camponesas e mais que viessem? Por quê? Ora, como vimos do depoimento de Iza Guerra, como vimos do depoimento de Ofélia, como vimos desse testemunho de Adalberto, existia um clima, existia um ambiente e existia um modelo; um modelo que hasteava as nossas esperanças; um modelo que crescia, que educava, que nos dava uma idéia prática não de igualdade, mas de uma vida menos difícil e menos desigual. Então, tinha, acima de tudo, esse modelo. Tinha, no âmbito do Brasil, uma imprensa participante, ligada, que aderiu ao problema; uma imprensa não apenas local, mas uma imprensa nacional.

Existia, através do partido ou de outras instituições, uma cruzada de conscientização. Não sei se vocês estão lembrados dos cadernos do povo, do semanário, sem falar nos órgãos do Partido Comunista que tinham uma circulação restrita, mas órgãos de opinião, e sem falar nas pessoas que trabalhavam na imprensa burguesa, mas tinham as suas idéias. Então, tivemos, aqui, o caso de João Pessoa, como Adalberto muito bem frisou. Quais foram os órgãos que mais foram à frente do movimento? Quais foram os órgãos que mais colaboraram com o movimento? Quais foram os órgãos para os quais o camponês tinha um caminho certo e recorria, aonde João Pedro entrava certo, aonde Assis entrava certo? Os órgãos oficiais, os órgãos do governo, os órgãos que a gente podia pensar que era da repressão. Não. Isso foi possível por que o governo autorizou? Não, porque existia uma

Diário da Tarde, 1964, p. 10.

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
CASA DE EPITÁCIO PESSOA

consciência nas redações, fermentada pela onda geral, fermentada pelos modelos, existia uma consciência que permitia isso e nós íamos ao limite.

Em 62, quando o governo do estado destronou Adalberto da rádio Tabajara e Hélio Zenaide da A União, nós saímos da A União, a redação inteira saiu da A União. Firmo Justino de Oliveira, Jório Machado e outras pessoas que não tinham nem vinculação com o movimento nem com o partido, mas nós saímos solidários e fomos trabalhar em outro jornal ou não trabalhar em jornal nenhum.

Então, isso o que Iza falou, e que eu achei tão bonito, essa formação da consciência, essa construção da consciência, isso foi a diferença, fez a diferença, no meu entender. Fez tanta diferença, que eu me lembro, eu me recordo, que em um dos comícios de Sapé, eu estou no meio da multidão, e João Pedro a um canto. João Pedro, se eu não me engano, era o único líder que não falava, era o único líder que não parecia líder, se confundia com o povo, com a sua gente, ele era o homem da ação, a retórica era com os outros. Assis falava, Jóffily falava, Osmar falava, todos falavam, João Pedro agia, quase que escondido, discretamente a um canto. Então, me lembro, naquele arrocho, naquela multidão de Sapé, de um domingo, em Sapé, corta a multidão um dos proprietários rurais de lá, da região, e quando ele vai cortando, um dos camponeses, que estava ao nosso lado, olha assim e diz: “e o que é que esse latifúndio está fazendo aqui?” Quer dizer, o latifúndio, que é substantivo, virou adjetivo na boca do camponês. Então, houve uma construção de consciência.

Eu me recordo que quando agrediram Assis Lemos, e ele ficou no pronto-socorro, num dia de segunda-feira ou terça-feira, num dia comum, numa manhã comum, chega Osmar de Aquino, no Ponto de Cem Réis - estávamos tomando café com três amigos apenas - e ele disse: “vamos protestar, temos que protestar. Vamos fazer um público para a gente protestar”. Então, um dos que estava conosco disse: “olha, o melhor lugar para a gente protestar, agora, é Sapé. Vamos para Sapé”. E fomos, numa segunda-feira ou terça-feira, não me lembro bem, para Sapé. Em Sapé também não era fácil e fomos a Ivan Figueiredo, o vereador de Sapé, nosso aliado. E Disse Osmar: “Ivan, aonde é que a gente pode protestar? Temos que fazer um comício, não é possível”. Pegamos um caminhão e fomos para Mrriri, e lá do alto de Miriri, que era uma fazenda, era um engenho tomado



72

ESTADO DA PARAÍBA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA CASA DE EPITÁCIO
PESSOA

descendo, ninguém viu, não sei de onde vinha aquele povo, em instantes, não é ficção, em poucos minutos nós tínhamos gente para mais do que um comício. Isso foi tão importante na minha vida que anos depois, muitos anos depois, eu, em um terraço de João Pessoa, em um dos terraços dos mais importantes de João Pessoa, estava lá o general, comandante da Guarnição Federal, conversando com o Ministro José Américo, e eu estava com o Ministro José Américo e não adivinhava que fosse chegar o general por lá. Então, eu fui apresentado ao general, aí o general olhou para mim e disse: “Gonzaga Rodrigues?” Eu disse: “sim, senhor. Tem alguma coisa contra mim, general?”. Ele disse: “não, mas já vi o seu nome”. Eu disse: “em quê, general?”. Ele disse: “numa fitinha que gravaram em um comício que você fez, em um lugar do interior”. Ora, a única palavra que eu dei foi nesse comício de Miriri. Quer dizer, existia uma consciência, existia um movimento, existia uma revolução, como Adalberto disse, existia uma revolução e tanto existia que houve esse golpe terrível que nós sofremos, que não foi arquitetado aqui, foi arquitetado fora, como todos vocês sabemos, aqui nós fomos apenas manietados para dar execução ao golpe. Ela era importante e esse nascedouro foi aqui. E de onde veio? Das pessoas mais insuspeitáveis, uma revolução que não veio de nenhum intelectual, pode ter vindo, mas que chegou nas mãos dos camponeses, dos operários.

E aí aonde está a minha esperança e é esse o meu depoimento.

Muito obrigado. (Aplausos).

A SENHORA PRESIDENTE SOCORRO RANGEL:

Muito obrigada.

Agora a gente vai ouvir Antônio Augusto Arroxelas, presidente da União Estadual dos Estudantes e do Bloco Estudantil Operário Camponês.

O SENHOR ANTÔNIO AUGUSTO ARROXELAS:

Senhora presidente da Mesa; um prazer redobrado de rever, de ouvir Iza Guerra; a nossa querida lutadora Ofélia Amorim; a emoção das palavras que emocionou a todos nós, do nosso Adalberto Barreto, fazendo lembrar a grande casa da democracia na Paraíba que foi a API e Gonzaga Rodrigues

«slk 73

<4È\

|;^í

è

ESTADO DA PARAÍBA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA CASA DE EPITÁCIO
PESSOA

Eu tenho como um dos símbolos da minha vida a tartaruga, porque ela representa a persistência, procura sempre um mesmo destino. E o que é que nós verificamos aqui, neste momento? Estamos aqui, depois de 40 anos, mas acreditando que a luta pelo socialismo continuará até chegarmos àquele objetivo, pelo menos é assim que eu penso e é assim que eu luto.

Quero aproveitar, e entre os presentes, três saudações especiais: uma, a Francisco de Assis Lemos que foi o nosso grande líder, durante aquele período que antecedeu o golpe de estado de 64; o outro, a um jovem jornalista que não está fazendo o que a grande maioria dos historiadores da Paraíba faz, contar a história oficial do governo de plantão, se chama Valdir Porfírio, que vem fazendo, vem conduzindo a história da maneira como o povo deseja que ela seja escrita; e não poderia deixar de saudar, daí mais uma vez voltar ao símbolo da tartaruga e da persistência, o movimento Sem-Terra, o grande filho das Ligas Camponesas no Brasil.

Fui presidente da União Estadual dos Estudantes da Paraíba, tive a sorte e a felicidade de suceder a dois grandes colegas: Lindemberg Farias, o pai; e Hamilton Gomes, pela ordem. E a União Estadual dos Estudantes da Paraíba ela era afiliada à União Nacional dos Estudantes. Cada estado do Brasil tinha a sua União Estadual, todas filiadas à União Nacional dos Estudantes, e a União Nacional dos Estudantes filiada à União Internacional dos Estudantes, com sede em Praga, na Tchecoslováquia Antiga, no Leste Europeu, na parte comunista da Europa, à época.

Eu assumi a União Estadual dos Estudantes como um candidato de consenso, em decorrência dos fatos históricos que antecederam às eleições. Tinha havido a luta pela legalidade, pela posse do Presidente João Goulart, que era o vice-presidente da República, e que, com o afastamento do Presidente Jânio Quadros, que renunciou, não queriam os militares, em um ensaio do golpe militar, que eles terminaram dando em 64, não queriam dar posse ao vice-presidente da República. Houve uma luta na Paraíba, em que participaram os estudantes, jornalistas,

ESTADO DA PARAÍBA
 ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
 CASA DE EPITÁCIO PESSOA



todos se uniram e houve uma composição, repetindo o que tinha ocorrido na União Nacional dos Estudantes, com a eleição do Aldo Arantes, que era da UNE, para presidente, e o vice, Roberto - estou esquecido, agora, do sobrenome, era um gaúcho -, que era do Partido Comunista Brasileiro. E a nossa diretoria tinha como 1o vice-presidente de assuntos nacionais, Raif Fernandes, que foi desembargador e aposentou-se há poucos meses; 2o vice de assuntos estaduais, José Coriolano, da Politécnica, na época; 3o vice de assistência universitária, Jackson Maia, de Farmácia; 4o vice de assuntos educacionais, digam quem? Iza Guerra - na época chamava-se Faculdade de Serviço Social; secretário-geral, Carlos Pereira de Carvalho, depois substituído por Aramis Alves Ayres; a secretária, Valdete Macedo; tesoureiro, Samuel Perdeneira; diretor de patrimônio, o saudoso José Gonçalo, de Direito, também. A Paraíba Universitária, que funcionava nas páginas de A União, teve três diretores: José Juvêncio, de Medicina; Expedito Pereira, de Medicina; e Carlos Augusto Carvalho, o Carlito, de Direito; secretário da presidência, Marcos Jácomi, de Direito; diretor de propaganda, Artur Cantalice, de Engenharia; diretores do Restaurante Universitário, que funcionava no Cassino da Lagoa, José Paulo, de Odontologia e José Marinete, de Medicina; diretor do Conjunto Universitário e do Clube Estudante Universitário, saudoso Luís Ramalho, autor de "Foi Deus Quem Fez Você"; diretor da Policlínica Universitária, Valdecir Paiva, de Medicina; do departamento feminino, Luzieta Pinto.

Bem, para relembrar os componentes da diretoria é interessante dizer que a União Estadual dos Estudantes enfrentou três grandes lutas: federalização da Universidade Federal da Paraíba; a segunda, a participação dos estudantes em um terço dos órgãos colegiados da universidade, a partir do Conselho Universitário - um terço era formado por estudantes, foi uma luta da UNE e o primeiro estado que conseguiu fazer com que existisse um terço de participação foi a Paraíba; e a terceira grande luta, era o pacto operário camponês, estudantil, quando nós tivemos um excelente relacionamento com as Ligas Camponesas.

E interessante dizer que o relacionamento com os sindicatos não era dos melhores, nós, os estudantes, os chamávamos de pelegos porque o sindicato ainda assimilava muito da sua origem corporativa do governo ditatorial de Getúlio

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
CASA DE EPITÁCIO PESSOA

de Antônio Fernandes, o Bolinha. Eu vou aproveitar até para contar um fato curioso que ocorreu com Bolinha, preso em 64 - foi até o S2, Serviço Secreto do 15º RI, onde estávamos presos. Foi obrigado a tocar piano, deixar as impressões digitais, em seguida foi ouvido pelo Major Cordeiro. Primeira pergunta do Major Cordeiro: "O senhor é comunista, desde quando?" "Desde há poucos instantes, major, quando eu fui fichado". Um ótimo relacionamento com as Ligas Camponesas partia até de ter, como presidente da Federação das Ligas Camponesas, o nosso grande e fraterno amigo Francisco de Assis Lemos, e as Ligas eram revolucionadas; as Ligas apresentavam aquela mesma idéia que nós, estudantes, tínhamos a partir da Revolução Cubana, quando Cuba deu uma demonstração ao mundo que poderia naturalmente se chegar ao poder.

A sindicalização do movimento camponês, nós assistíamos aquilo com temor porque achávamos que era uma tentativa reformista, quando as ligas eram revolucionárias. Os problemas do Nordeste eram o quê? Latifúndio improdutivo, monocultura da cana, exploração dos camponeses. E nesse pacto operário camponês, estudantil, o nosso pacto foi muito maior com os camponeses devi à afinidade, devido aos aspectos de pensamento revolucionário dos estudantes, das lideranças estudantis e das Ligas Camponesas.

E vou enfatizar, nesse meu pronunciamento, a morte do líder João Pedro Teixeira e suas conseqüências. Ocorreu no dia 02 de abril de 1962. Amanhã nós vamos ter aqui, entre as várias mesas-redondas, uma que eu não deverei perder, com a presença de Francisco Maria, que era o chefe de Polícia, na época da morte, do assassinato cruel de João Pedro Teixeira, e do ex-juiz da cidade de Rio Tinto, Juiz Ximenes, que foi afastado pelo golpe de estado de 64 porque ele tinha um comportamento democrático na sua ação como juiz daquela cidade. O chefe de Polícia, Francisco Maria, chegou aos autores materiais do crime: o Soldado Antônio Alexandre, o Cabo Chiquinho e o Vaqueiro Arnaud Claudino que indicou os mandantes: Pedro Ramos e Aguinaldo Veloso Borges, latifundiários. Disse-me Chico Maria que lamentavelmente tem coisas na Paraíba não tem explicação, é que todo documento, todo processo relativo a estes acontecimentos desapareceram dos arquivos do Tribunal de Justiça da Paraíba - não pode ter criado asas, alguém tirou. A Paraíba, aqui mesmo, na Assembléia Legislativa,

ESTADO DA PARAÍBA
 ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
 CASA DE EPITÁCIO PESSOA

deputado estadual, constituinte - a dificuldade que teve de aqui, na Assembléia Legislativa, encontrar os arquivos. Tudo em destroços, entregue às traças, aos mofos, ao fungo. Nós perguntamos: "Por que não há interesses com os nossos arquivos?" qual a razão?" Qual o motivo?"

No comício de Sapé, logo após a morte de João Pedro Teixeira, José Jófily, que era deputado federal, que foi inclusive, para a honra e prazer meu, quem me fez politicamente na vida da Paraíba, no dia 18 de abril de 62, vou ler um trecho do pronunciamento de Jófily. Aliás, Jófily diz no comício quem matou João Pedro Teixeira e de quem partiu a ordem, que era Aginaldo Veloso Borges, e veio a resposta do Norte, dada no dia 18/04/62, pelo Senhor Aginaldo Veloso Borges: "Faço assegurar ao Deputado José Jófily, esta alma infecunda e estéril, que se tivesse, um dia, Deus me livre, de manchar as mãos com sangue humano, não seria nunca com o de um pobre homem como o falecido João Pedro Teixeira". Era uma ameaça à vida de José Jófily Bezerra.

No Correio da Paraíba, do dia 19, um dia depois, José Jófily respondia com o título: "A Fera Acuada". "Agredido, defendo-me, mas não vou aceitar provocações para manter polêmica com sub homens. A diferença - reparem que comparação interessante - entre o facinora Amaud Claudino e o seu patrão é que um se esconde no mato e o outro na Assembléia Legislativa". (Aplausos). Aginaldo Veloso Borges era o 5o suplente da coligação UDN/PL - havia uma vaga porque o Deputado Estadual Américo Maia tinha falecido; o 1o suplente, Wilson Braga, não assumiu - aliás, Wilson Braga seria titular com a morte de Américo Maia; o 1o suplente, Antônio Nominando Diniz, era secretário de Educação, não assumiu; o 2o Suplente, Flaviano Ribeiro Coutinho, tirou licença para tratamento de saúde; o 3o suplente, Carlos Pessoa, era secretário de estado, não assumiu; o 4o suplente, Clóvis Bezerra, tirou licença para tratamento de saúde, epidemia generalizada; o 5o suplente assumiu, Aginaldo Veloso Borges - a imprensa já relatara o que ocorreu.

Pressionado pelos partidos mais retrógrados, o Governador Pedro Gondim retirou da direção de A União Hélio Zenaide e assumiu Antônio Brainer, que era ligado aos latifundiários. A rádio Tabajara teve o afastamento de Adalberto Barreto para a entrada de Paulo Maroja, tradicional família da Várzea. Foram afastados, aliás,

ESTADO DA PARAÍBA
 ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
 CASA DE EPITÁCIO PESSOA

Rodrigues, saíram de A União em protesto: Jório Machado, Gonzaga Rodrigues, Malaquias Batista, Firmo Justino e Eurípides Gadelha.

Houve um grande comício porque aqui, a União Estadual dos Estudantes, nesse pacto, nós tínhamos, aqui, além dos hospitais que Assis Lemos teve a oportunidade, com a sua força política, de criar, no interior do estado, na nossa gestão não União dos Estudantes, aonde hoje é a rua Barão do Abiaí, nós fundamos a Policlínica Universitária, e aquela Policlínica esteve aberta aos camponeses quando estivessem na Paraíba, assim como o Restaurante Universitário, que funcionava no Cassino da Lagoa. Inclusive a Abraão, filho de João Pedro Teixeira, morava na União Estadual dos Estudantes, na rua Rodrigues de Aquino, estudava porque nós conseguimos, os estudantes, no Colégio Getúlio Vargas, gratuitamente, e fazia refeições no Restaurante Universitário.

O comício do dia 10 de maio de 62, um grande comício, com cerca de 2000 camponeses, na Lagoa, vários oradores falaram, como o vice-presidente da UNE, Roberto Átila Vieira, Pedro Gondim - custou caro ao Governador Pedro Gondim ter falado neste comício porque sem a farda, estava misturado com o povo o comandante do 3o Exército, que era o depois presidente da República, Costa e Silva, e em 68, um dos motivos da cassação de Pedro Gondim foi ter participado desse comício. Falaram, ainda, os Deputados José Jóffily, Celso Brant, Francisco Julião, Assis Lemos, o líder sindical Roberto Morena e eu, na condição de presidente da União dos Estudantes da Paraíba.

Eu tenho aqui, foi taquigrafado na ocasião, o pronunciamento meu, jovem de 23 anos, e quando eu reli, sinceramente, me encantei com o pronunciamento. Dizia: "Camponeses, fizestes, hoje, o caminho da migração que muitos companheiros do campo já trilharam, desolados. Na estrada, as pegadas dos companheiros que começaram um caminho sem volta". Tem sido este o caminho dos camponeses, deixando a terra que trabalharam, com os frutos na terra, sementes do suor empenhado. Foi este o caminho de João Pedro Teixeira, nas intermináveis vindas e voltas, até que numa noite a volta se transformou em espectro para aterrorizar até seus assassinos frios. Esse caminho da migração só terá fim com a reforma agrária, para fixar o homem na terra que alimenta.

No imenso Nordeste, Atlântico, a monocultura da cana explora o homem, nas

ESTADO DA PARAÍBA
 ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
 CASA DE EPITÁCIO PESSOA

exploração de cidades e de homens. Sobram, bem cuidados, com muros pintados de branco, os cemitérios. Pobres camponeses, só lhes restam pensar na morte. Foi assim que surgiu a primeira Liga Camponesa, no engenho Galiléia, em Pernambuco, uma associação para que os camponeses enterrassem seus mortos, mas as Ligas Camponesas ditaram novos rumos, ensinando o direito de viver e principalmente o direito de viver como homem.

Qual foi o crime de João Pedro? Foi de liderar seu povo oprimido? Foi organizar a Liga Camponesa? Foi defender a reforma agrária? Eles não mataram João Pedro, multiplicaram-no. Está aí o exemplo com a presença de quem? Do movimento Sem-Terra, em pleno Século XXI (aplausos). Os assassinos são conhecidos; a polícia mostrou capangas e mandantes. Desejava que aqui estivesse o Presidente Goulart para denunciar. A Assembléia Legislativa da Paraíba tem alma e corpo, mas não pode usar o corpo como imunidade até para matar. Polícia e Justiça cumpriram o seu papel e o Legislativo da Paraíba negou toda sua bravura registrada na história. “Viva as Ligas Camponesas e a reforma agrária”. (Aplausos).

No dia 02 de maio de 62, eu morava com tios, no começo da rua Duque de Caxias, saí do Restaurante Universitário e quando cheguei em casa tive a notícia de que tinha um senhor queria conversar comigo. Esse senhor era latifundiário, era o Senhor Rubens Reges. Disse-me que o Senhor Aguinaldo Veloso Borges desejava conversar comigo. Eu disse: “eu não desejo conversar com ele; não tenho interesse nenhum em conversar”. Meu pai, que tinha vindo de Campina Grande, onde morava, em face dos acontecimentos, entrou na conversa e disse: “gostaria de conversar também”. Eu disse: “mas eu não tenho interesse de conversar”. Por pressão do meu pai ficou acertada a conversa para o dia seguinte, na casa dos meus tios. Entretanto, procurei o Reitor Mário Moacir Porto, porque a reitoria era na esquina da rua onde eu morava, Doutor Mário Moacir Porto, aquela figura extraordinária, muito ligado ao movimento Estudantil, ficou preocupado com os acontecimentos, mandou chamar o seu irmão, Sílvio Porto, que era o secretário de Interior e Segurança, e Doutor Sílvio chegou e disse: “olhe, não faça nada, tenha calma”. Eu disse: “mas eu tenho que me defender”. Ele disse: “nós vamos colocar à sua disposição alguns policiais”. Eu disse: “mas eu não tenho medo da

ESTADO DA PARAÍBA
 ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
 CASA DE EPITÁCIO PESSOA

ficou acertado um grande comício no dia seguinte. Nós fizemos o comício no Ponto Cem Reis. Naquela ocasião eu disse: “eu acho que é uma ameaça para me amedrontar, mas eu não me amedronto”. Realmente eu acho que eles não queriam me matar, duas mortes seguidas, em cima, seriam realmente complicadas. O resultado é que eu disse aos estudantes: “se me matarem, vinguem-se. Podem tomar a iniciativa porque nós sabemos naturalmente quem deve ter sido o mandante”. Doutor Mário ficou muito preocupado, disse que eu deveria ter tido mais calma, mas, afinal de contas, deu certo porque eu estou vivo contando a história.

Então, a luta da União dos Estudantes, em parceria com os nossos amigos, camponeses, nas melhores possíveis. No golpe de 64, eu tive, num determinado momento, eram três celas no 15o RI e eu estava em uma delas, na outra João Alfredo Dias e na outra Pedro Fazendeiro. A cela parecia ser a preparação para a morte. Eu não morri porque era de classe média, os dois eram camponeses, mataram. Ocorria o seguinte: todas as vezes que nós éramos liberados, que os presos eram liberados, íamos para o S2 tocar piano e ali estava o documento que a gente tinha sido liberado, o Exército não era mais responsável. No meu caso, a minha família me pegou, do lado de fora, ficava naquela ansiedade dos dias, ficava por ali, aguardando, e me levaram, mas não teve quem levasse João Pedro Teixeira e Pedro Fazendeiro. E as informações que tenho, anos depois, eu dava uma entrevista na televisão, em Campina Grande, no programa de Chico Maria, e dizia que tinha sido morto pelos latifundiários e houve uma ameaça de me pegarem do lado de fora, pessoal com pouca inteligência. Agredir uma pessoa, diante de uma estação de televisão? Estupidez tremenda. Também não se concretizou porque eu tive muita sorte.

Agora, a verdade é que no dia 07 de setembro os dois assinaram um documento que estava livres do serviço S2, do Exército, e três dias depois apareceram dois corpos em Alcantil, no município de Boqueirão, em que o fotógrafo, professor da universidade, Machado Bitencourt, foi até o local e fotografou. Eles estavam muito... A cabeça mutilada tinham sido enforcados, não houve nenhum exame para verificação se eram os cadáveres deles, mas houve algo. O Coronel Farias, que teve a oportunidade de verificar os cadáveres, disse: “é, isso é natural. Foram

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
CASA DE EPITÁCIO PESSOA

também sido um dia, tenho certeza, um dia em que nós vamos continuar nossa luta. Eu lamento muito, hoje, que grande parte das entidades estudantis só se preocupa com as carteiras de estudantes e nada mais. (Aplausos).

A SENHORA PRESIDENTE SOCORRO RANGEL:

Bom, o debate está aberto. Temos uns 20 minutos, mais ou menos, de debate. Alguém quer se inscrever?

A gente queria registrar a presença do jornalista Oduvaldo Batista que também fez parte desse movimento. (Aplausos).

Sim, por favor, Valdir.

O SENHOR VALDIR PORTÍRIO DA SILVA:

Bom, eu estou um pouco doente, mas estou aqui, desde ontem.

Eu gostaria de lembrar, Adalberto, Arroxelas e outros companheiros e companheiras que aqui estão, um fato importante que considero na luta dos camponeses, aqui na Paraíba. Eu, pesquisando os arquivos do DOPS, há três anos, encontrei um documento que considero rico porque esse documento repudiava a atitude dos latifundiários da Paraíba, de disfarçar a realidade do que ocorreu no dia 15 de janeiro de 1964, no município de Mari, onde caíram, morreram onze pessoas: sete do lado dos latifundiários e quatro dos camponeses: dois policiais, três vigias, um economista e o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, daquela localidade, o Antônio Galdino. Interessante registrar isso porque foi um momento de muito conflito, aqui já estava à véspera do golpe, e a Frente de Mobilização Popular, presidida por Adalberto Barreto, e outras frentes e entidades da Paraíba lançaram um manifesto, está aqui a cópia dele: "Ao Povo da Paraíba, Manifesto da Frente de Mobilização Popular". Este manifesto desmascara porque, na época, os latifundiários começaram a jogar a culpa do conflito nos camponeses. Estavam, inclusive, fizeram, no outro dia desse fato, um ato aqui, em frente ao Palácio do Governo, colocando a culpa e tentando desestabilizar e retirar o governo, fazer oposição ao Governo de Pedro Gondim. Então, as entidades daqui, do centro urbano, se mobilizaram para desmentir esses fatos e contaram verdadeiramente o que ocorreu e o que tinha ocorrido era o inverso, ou seja, o Senhor Nesinho de Paula, dono da propriedade



ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
CASA DE EPITÁCIO PESSOA

em Mari concedeu aos sindicatos o direito deles plantarem, o direito dos trabalhadores e dos camponeses rurais plantarem, e tinha desaparecido, salvo engano, uma arma - Assis Lemos conta isso, com detalhes, no livro dele, e outros também - e essa arma era uma arma do Exército e a única forma do movimento camponês denunciar que os latifundiários da Paraíba estavam recebendo armas privativas do Exército era mostrar aquela arma que eles tinham pegado. Pois bem, na hora da briga o economista Fernando Gouveia, na briga, um dos sargentos que estava com uma metralhadora ficou aperreado, soltou a metralhadora e morreu um camponês, salvo engano, o próprio presidente do Sindicato, Antônio Galdino. E aí companheiros, nesse momento eles estavam cercados de camponeses, todos de armas brancas, ou seja, todos com enxadas e facas nas mãos, não tiveram conversa, partiram para cima dos caras e cortaram todos eles. Então, esse foi o fato verdadeiro que eles tentaram deturpar e colocar os camponeses como agressores, como fazem hoje, em dia, com o movimento Sem- Terra em vários lugares, chamando-os de criminosos, de bando e por aí vai. O mesmo argumento, passam-se os tempos, mas os argumentos são iguais, tudo para garantir a propriedade de terra.

Mas, só para concluir, eu gostaria de ler quem assinou o manifesto. Peço permissão à Mesa:

Adalberto Barreto, presidente da Frente de Mobilização Popular e da Associação Paraibana de Imprensa;

João Ribeiro Filho, presidente da Federação dos Trabalhadores da Indústria;

Assis Lemos, presidente da Federação das Ligas Camponesas;

Rivaldo Cipriano, presidente da Federação dos Trabalhadores na Indústria de Alimentação;

Luiz Bernardo, infelizmente não está aqui, tentei trazê-lo, conversei com a filha dele, que era presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, ex- vereador, na época;

Luiz Hugo Guimarães, que vai estar aqui amanhã, presidente do Comando Geral dos Trabalhadores;

Divisão de Tradução e Revisão Taquigráfica

ESTADO DA PARAÍBA

ESTADO DA PARAÍBA
 ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
 CASA DE EPITÁCIO PESSOA

Figueiredo Agra, que era presidente da Frente Parlamentar da Assembléia Legislativa, que reunia quase 11 deputados, salvo engano, 12 deputados, e de todos eles só dois não foram cassados até 69, coincidentemente, e um desses que não foi cassado eu questionei, um dia desse, a gente bebendo eu disse: “por que tu não foi cassado? Todo mundo foi cassado menos tu?” Ele disse: “Ah, eu me escondi.” E foi José Lacerda, o deputado que assinou e não foi cassado, um deles;

Raimundo Nonato Batista, infelizmente foi embora, o ano passado, presidente da União dos Portuários do Brasil;

José Rodrigo js Lopes, presidente da União Estadual dos Estudantes, nessa época, janeiro de 64;

Linduarte Noronha, do Comando dos Trabalhadores Intelectuais;

Tarcisio Fernandes, pela Ação Popular;

Abdias Vilar, que hoje mora no Pará, era presidente da Associação dos Estudantes Secundários da Paraíba;

Flumberto Vicente de Araújo, presidente da UPES.

Bom, era isso e gostaria de rememorar esses fatos e ver, diante da Mesa que aqui está, que existia um casamento perfeito entre o que vocês colocaram, ou seja, classe média, o repúdio a tudo que aconteceu no campo e o isolamento do que aconteceu aqui na cidade. Então, eu acho importante esse debate porque a classe média intelectualizada, essas pessoas que aqui estão realmente foram combatentes, deixaram tudo de lado. O Leonardo Leal tem que lembrar; José Moscou tem que lembrar também e tantos outros companheiros que estão naquele triste inquérito policial militar rural criado pela ditadura.

Mas, entrego a Adalberto e Luiz, que eram dessa época, esse manifesto.

(Aplausos).

A SENHORA PRESIDENTE SOCORRO RANGEL:

A Mesa quer comentar? Mais alguma pergunta? O senhor, por favor.

Divisão de Tradução e Revisão Taquigráfica

X* ,,, ,...

X*,,,,...

ESTADO DA PARAÍBA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA CASA DE EPITÁCIO
PESSOA

O SENHOR JOSÉ RODRIGUES SOBRINHO:

Olha, esse dia, a gente já teve a oportunidade de fazer alguns comentários na parte da manhã, depois da exposição da primeira Mesa, mas a gente não se contém, depois de assistir a uma Mesa como essa, não há como a gente ficar calado quando a gente pode, de forma bem resumida, fazer alguns comentários.

Primeiro, a contribuição que essa Mesa está dando, como a de manhã, para todos nós e para a continuação dessa luta. Esses documentos, essas conclusões, serão dignos de reflexões e os movimentos sociais, movimento sindical, movimento Sem-Terra, classe média, a universidade, a própria imprensa, que hoje está na contramão da história, possam se utilizar desses conteúdos para que a gente possa ajudar na construção de uma sociedade mais humana e mais justa. Apenas alguns registros. Eu sei que esse registro e o tom de hoje é a Paraíba, é resgatar a Memória Camponesa na Paraíba e está sendo uma riqueza muito grande.

Mas, por questões, também, que nos tocam, é a questão levantada pela amiga, como é que a Igreja também se posicionou, se dividiu, mas um determinado braço da Igreja abraçou com muito afinco essa contribuição para preparação da Luta Camponesa. Me chamou muita atenção a questão da educação de base, do método Paulo Freire - aqui tinha

outro nome, em Pernambuco era MED (Movimento de Educação de Base) - e eu também fiz parte desse movimento, fui monitor, fiz parte da coordenação. Me lembro bem daquela carteirinha: "A Vida é Luta e Viver é Lutar". Isso é de uma contribuição muito grande.

A exposição feita aqui, ela tem ligação muito forte com os outros estados e também com o movimento sindical, movimento popular, em nível nacional. A questão sindical, por exemplo, foi levantada aqui pelo nosso amigo que falou por último, sobre a questão, os cuidados, a preocupação que se tinha com o movimento das Ligas Camponesas, era revolucionário e o outro, o movimento sindical, poderia se tomar um elemento reformista conservador. Mas, na prática, à medida que a política é muito dinâmica, vai se empurrando todo mundo para praticamente o mesmo conteúdo e isso aconteceu, haja vista que quando vem a revolução em 64 não escapa ninguém. Tanto vão para a cadeia as pessoas das Ligas Camponesas, como também as pessoas do movimento de Cultura Popular,

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
CASA DE EPITÁCIO PESSOA

estavam, sequer, filiados a um partido, mas, no entanto, foi catado pela luta que eles vinham implementando.

A primeira direção da Contag se deu exatamente sobre a unidade do Partido Comunista com o movimento popular da Igreja. A primeira diretoria da Contag era Lindolfo Silva, do Partido Comunista Brasileiro; José Rodrigues, que deve estar aqui, presente, era dessa linha de ação popular; e Manoel Gonçalves que também era ligado à Igreja Progressista de Pernambuco. Esses elementos foram os primeiros que fizeram a composição da primeira diretoria da Contag e todos foram para a cadeia, em 64. Manoel da Conceição, todos foram para a cadeia, em 64. Para vocês verem como a coisa é bem mais ampla do que um determinado, sem tirar o mérito dessa bonita colocação, dessa bonita interpretação que é verdadeira, que está aí colocada para todos nós. Agora, o problema era mais amplo do que a questão da terra.

O golpe de 64 se deu porque eles não aceitavam a reforma de base, dentre ela a reforma agrária que está aí, dentro. Quebraram a universidade, quebraram os órgãos de imprensa, quebraram os partidos políticos e travaram tudo, os 20 anos de ditadura que trouxe a gente a essa penúria que estamos vivendo hoje. Estamos resgatando aos poucos e não perdemos ainda, as nossas perspectiva histórica de ter uma sociedade socialista, humana, justa, solidária e com a participação dos segmentos, esse ou aquele, que, de fato, queiram essa sociedade.

Para finalizar, para não tomar muito tempo, dizer o seguinte: é sempre bom colocar na nossa visão que nesse Brasil continua tendo duas classes: a classe que esmaga, que engole e a classe que é engolida. (Aplausos).

A SENHORA PRESIDENTE SOCORRO RANGEL:

Bom, mais alguma inscrição?

Por favor, Assis Lemos.

Como é seu nome? Nilton.

Divisão de Tradução e Revisão Taquigráfica

ESTADO DA PARAÍBA

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
CASA DE EPITÁCIO PESSOA
O SENHOR ASSIS LEMOS:

Eu queria apenas acrescentar alguma coisa ao que o Valdir Porfírio falou, sobre a chacina de Mari: O que houve é que naquele ano começou a chover mais cedo e os camponeses, então, partiam em grupos para solicitar aos proprietários a área para poder começar a plantar mais cedo para poder aproveitar a chuva. Ao lado de Mari havia uma fazenda do Senhor Nesinho de Paula, que consentiu que os camponeses plantassem, então mais de 300 camponeses entraram na terra e começaram a plantar.

O outro grupo de camponeses saiu procurando terra para trabalhar e entraram na fazenda da esposa do usineiro Renato Ribeiro Coutinho. Quando vão entrar, o administrador da fazenda está com uma arma na mão para não deixar os camponeses entrarem; os camponeses cercaram o administrador, tomaram a arma e trouxeram a arma. Podia não ser nada se a arma na fosse um revólver Colt 45, privativo das Forças Armadas. Naquela época, quem fosse pego com uma arma das Forças Armadas era condenado a dois anos de prisão sem direito de defesa, e depois era uma forma de mostrar que os latifundiários paraibanos tinham armas privadas das Forças Armadas. Então, imediatamente a usina se mobilizou, levou o destacamento da Polícia de Santa Rita, de Espírito Santo e foi procurar aonde é que estava a arma. Foi informado que a arma estava na fazenda do Senhor Nesinho de Paula, nas mãos do presidente do sindicato de Mari. Quando chegou a polícia, com metralhadora, aquela coisa toda, disseram que estava à procura da arma e o presidente, que não tinha idéia da responsabilidade, da existência daquela arma na mão de um administrador de fazenda, devolveu a arma, entregou. Na hora em que ele entrega, um policial que estava no grupo atirou nele e matou. Os camponeses, com seus instrumentos de trabalho, entraram em luta e, ao final, 11 mortos, resultado daquela batalha. Os camponeses se apropriaram da arma, trouxeram para mim, à noite, me entregaram, eu anunciei que ia entregar ao ministro, na época não era o Ministro do Exército, era o Ministro da Guerra, para denunciar os usineiros e os latifundiários que tinham armas privadas das Forças Armadas. Era o maior escândalo possível, por isso que eles fizeram toda aquela aventura para recuperar a arma. Então, companheiros, o Exército, na Paraíba, sobretudo o 15º Regimento

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
CASA DE EPITÁCIO PESSOA

aniversariou, toda a oficialidade do 15º Regimento de Infantaria, às 05 horas, em frente à sua residência, estava lá cantando os parabéns para o usineiro. Isso é um fato que pouca gente na Paraíba se lembra.

Então, companheiros, a chacina de Mari se deu diferente da chacina de Eldorado dos Carajás. A chacina de Mari foi em virtude de uma arma privativa das Forças Armadas na mão de um administrador de fazenda. Era o maior escândalo que poderia acontecer, naquela época, no país e foi exatamente o que resultou na morte daquelas pessoas, não só 11 mortos, mas dezenas de feridos que saíram daquele debate.

Então, era isso, Antônio Augusto, que eu queria complementar ao que o Valdir Porfírio informou para todos os senhores. (Aplausos).

A SENHORA PRESIDENTE SOCORRO RANGEL:

Nilton.

O SENHOR NILTON CÉSAR:

Meu nome é Nilton César. Eu sou estudante de Comunicação Social da UEPB, em Campina Grande. Vou fazer uma colocação e depois uma pergunta aos jornalistas.

Hoje, em dia, acho que deveria ser diferente, o nosso curso forma técnicos em comunicação, ele ensina a escrever bonitinho o texto: o quê, quando, onde, como e por que; ensina quem tem dom, habilidade falar bonitinho na TV e quem tem uma voz bonita, ser radialista. A gente tem, no primeiro ano do curso, uma cadeira de Sociologia da Comunicação, é única e somente coisa de tom político, social que você vê no curso. Acho que se nós quiséssemos ter uma imprensa mais comprometida com as causas sociais, teria que ser um pouco diferente.

Ai eu queria fazer a pergunta: Se na época de vocês, tanto de universidade até como profissional também, esse envolvimento, pelo que vocês já falaram, era bem maior, mas na época de universidade até como cadeira, como formação da academia, se era maior. Uma comparação entre ontem e hoje.

Obrigado.

Divisão de Tradução e Revisão Taquigráfica

ESTADO DA PARAÍBA

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
CASA DE EPITÁCIO PESSOA

O SENHOR GONZAGA RODRIGUES:

Companheiro, no nosso tempo não existia o curso de Jornalismo. O curso de Jornalismo foi criado...

O SENHOR JOSÉ HERMÍNIO DIONÍSIO:

Senhoras, senhores e senhoritas que estão presentes e que realmente quem não conheceu, mas ouviu falar os acontecimentos que surgiram no movimento das Ligas Camponesas. Eu, por sinal, fui uma vítima do agressor que compõe a maioria do grupo. Então, o que aconteceu? Eu para chegar nessa propriedade, o proprietário tinha o sistema do cidadão, quando chegava na propriedade, comprava realmente uma colônia e quando era para sair vendia também. Então, eu comprei um e aconteceu que apareceu a chamada Liga Camponesa, por infelicidade ou por felicidade, Pedro Fazendeiro. Então, Pedro era um sujeito trabalhador, Pedro não fazia mal a ninguém, mas, em qualquer propriedade, onde povo vivia, um grupo de camponês, tinha realmente os servientes do proprietário para colher de qualquer lado, para colher dos habitantes qualquer um assunto que um morador mostrasse, qualquer inferioridade, na capacidade do proprietário. Então, Pedro chegou ali e encontrou também um local e era uma região de terra fértil, ele preparou um pomar de laranjeira e quando fez isso, Pedro Ramos passava, aliás, ele chegou no tempo de Doutor Ademar, mas logo mais passou Pedro Ramos e Pedro Ramos, quando passava assim, dizia para o conchavo dele, que o acompanhava: “esse morador não pode viver aqui, esse morador tem que sair daqui”. Mas, Pedro continuou, mas quando ele viu que Pedro tinha o coro grosso, ele entendeu perseguir ele com ordens arbitrárias e estava impedindo Pedro de trabalhar. Aí, antes de ele se rebelar totalmente contra o Pedro, ele um dia falou para mim, disse: “José Hermínio, aquele rapaz que chama Pedro Fazendeiro, ele aí o que é?” Eu disse: “e o senhor vem perguntar a mim? Eu sei quem é Pedro? Sei que conheço ele, mas as atividades dele, sei que ele tem, o trabalho é dele. Como eu trabalho aqui, ele tem a lavoura dele”. Mas logo ele se rebelou e daí por diante criou caso comigo. Isso foi em 58.

Eu tinha meus terrenos, eu estava com 4,50 de terra arisca e mais 50,5 de terra pantanosa, plantio de capim, cana, bananeira, e ele disse: “esse rapaz não pode mais trabalhar aqui, não. Esse aí tem que parar”, mas eu não devia a ele. Então,

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
CASA DE EPITÁCIO PESSOA

sobremodo, eu tinha um gado e me achei em condições de não poder manter o gado. Ele me proibiu de plantar na terra, sem eu dever a ele, e até mesmo a forragem que eu que eu apanhava dentro dos campos, ele já tinha mandado invadir a minha várzea, plantar cana e eu logo enfrentei e proibi. Isso eu vim trazer, eu levei à presença do Deputado Jacó Franco e foi quem procurou sanar a minha situação e evitar de morrer. Ele, me ouvindo, mais o Deputado Jacó Franco, me entregou ao Doutor Zé..., um promotor que tem aí. O promotor mandou uma ordem para lá, ele não atendeu, sobremodo, mas aconteceu que aí veio a fundação das Ligas Camponesas, em janeiro de 58, e o Deputado Jacó Franco estava presente e conversaram por lá. Eu sei que, de qualquer maneira, eu fiquei impedido e eu fui e procurei o Doutor Hidelfonso Lira, juiz da Comarca de Mamanguape, e denunciei o fato a ele, que realmente estava impedido e não devia ao homem. “Eu não tenho nem condições de manter os bichos que tenho, além de não trabalhar”. E disse: “você faz o seguinte. Você fez a casa?” Eu disse: “eu trabalhei na casa, a casa era mais fraca, eu melhorei a casa”. Ele disse: “Você faz o seguinte: você tira o gado e fica morando”. Eu disse: “ora, doutor, como é que pode? Assim não dá”. Ele disse: “pois você vá...” Eu até me lembro que nesse tempo era um promotor que tinha lá, um tal de Jaime. “Você vai e diz a ele que intime esse proprietário, que eu quero uma audiência com ele aqui”. Eu fui ao promotor, transmiti o recado, ele já me ouviu de gaiato. A parte, o modo de me receber eu já compreendi que era gaiatice do homem. Marcaram o dia para a audiência, mas o Pedro Ramos não foi, eu fui. Chegando lá não tinha ninguém e eu não me apresentei ao juiz porque não tinha resultado, e eu não fui me apresentar ao juiz, e outro dia voltei e encontrei com eles dois no Fórum e falei para eles assim: “Agora eu quero uma resposta de Sua Excelência. Como é que vai ficar meu caso?” O promotor se ergueu nas alparcatas, na frente do juiz: “se retire, safado, senão meto ele na cadeia. Não abra a boca.” Foi a resposta do promotor. Agora, se o caso fosse meu, dizia que o caso era porque eu era de má conduta, mas foi que emanou a todo mundo.

O cidadão, dono da propriedade, gente muito boa, a ideologia dele era o que ele dizia. Na fazenda dele não quer uma escola para ninguém aprender a roubar. Por outro lado, uma coisa mais importante, que eu quero comprovar a história, de qual

r

ESTADO DA PARAÍBA
 ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
 CASA DE EPITÁCIO PESSOA

“Manoel, eu vou querer umas laranjas-da-terra que a minha mulher está passando mal e eu preciso dá um purgante a ela”. “Você vai lá no pomar, lá tem um velho e diz a ele que lhe dê as laranjas.” Mas, quando eu cheguei encontrei o velho e disse: “Seu Augusto, Manoel mandou dizer para você que você me desse umas laranjas-da-terra, só quero seis.” Ele disse: “Você espera, quando o capitão for embora você vem que eu lhe dou”. Eu disse: “você pegue a laranja e coma com casca e tudo.” Eu não sei como é que um homem era tão ruim daquela qualidade. O que aconteceu? Esse caso não ficou comigo só. O pessoal plantou lá uma certa área, ele arrebentou, ele não queria que o pessoal trabalhasse. O povo se juntou e arrebentou tudo quanto foi de arame, ele levou um sujeito, com o nome de “Capa de Aço”, para matar gente, levou dois homens, e foi com ordem para matar a gente.

Tinha um cidadão, por nome Alfredo, nessa fase que o povo estava todo agoniado, temendo a crueldade que o Pedro Ramos estava praticando, nós estávamos dentro do palácio, da Secretaria de Interior e Justiça e o cidadão, morador, estava carregando gente para deixar para ir, para trazer a denúncia e morador disse a mim: “olhe, a minha vida está no fim. Eu não sei se vou viver mais um dia, dois ou três, ou mesmo se tiver três horas, quatro, mas eu queria me encontrar com Pedro Ramos aqui, dentro da guarda da Secretaria, queria me encontrar com ele dentro da Igreja, queria me encontrar com ele dentro do Tribunal, queria ver Pedro Ramos antes de morrer”. Com dois dias mataram ele.

Pois bem, o caso é o seguinte. Ninguém pode me dizer, do jeito que eu fui vítima, essa propriedade eu notifiquei dois anos, 1.364 moradores. Era uma colônia firmada, todo mundo ali, estava ali, tinha posse, mas todo mundo perdeu. Agora, qual foi a autoridade que foi, pelo menos mandar ele gratificar, dar a um colono daquele qualquer importância para comprar uma vela para a hora da morte dele? Não quiseram fazer isso. Eu, as Ligas Camponesas se manifestaram, resolvi ir para São Paulo e quando eu ia sair, ele disse para mim: “você sai e leva a família porque se deixar na casa, eu pego a família, boto no carro e vou deixar na Bahia, dentro do Estado da Bahia”. Eu falei para ele...

A GENUÍDADE DA MÃE TOMA

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
CASA DE EPITÁCIO PESSOA

estou lhe procurando". Eu tinha jeito para tudo. Resultado, ele me pediu para e demorar uns três dias enquanto o carnaval ia chegar. Ele disse: "depois do carnaval venha cá". Eu chamei o dono da lavoura, me achei perante o Doutor Enéas e o que aconteceu?...

A SENHORA PRESIDENTE SOCORRO RANGEL:

Seu José Dionísio, eu sei que o senhor, além de ser um bom contador de história das Ligas, também é um bom escritor e escreveu, de próprio punho, uma história da participação dele das Ligas. Eu queria lhe sugerir se a gente não podia começar o dia amanhã lendo a sua história, aquela que o senhor escreveu. Vamos combinar assim? Então, a gente pode combinar assim? Com a coordenação? Amanhã de manhã a gente abre os trabalhos lendo aquela história que o senhor escreveu sobre as Ligas, que é muito bonita, e hoje a gente termina porque tem uma outra Mesa, infelizmente. Amanhã a gente retoma e o senhor fala mais um pouquinho. (Aplausos).

O SENHOR JOSÉ HERMÍNIO DIONÍSIO:

... O carnaval findou na terça-feira, na quarta-feira eu cheguei com o rapaz, dono da lavoura. Tinha 02 contos e 760 cruzeiros em cima da banca do delegado. Causou admiração para alguém, mas eu agradei e falei porque se não dissesse estava tudo perdido. (Aplausos).

A SENHORA PRESIDENTE SOCORRO RANGEL:

O Gonzaga Rodrigues quer terminar a resposta para o Nilton.

O SENHOR GONZAGA RODRIGUES:

Sim, mas eu já não sei mais qual foi a tua pergunta.

A SENHORA PRESIDENTE SOCORRO RANGEL:

A pergunta era: Qual era o a formação dos jornalistas?

Divisão de Tradução e Revisão Taquigráfica

ESTADO DA PARAÍBA

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
CASA DE EPITÁCIO PESSOA

O SENHOR GONZAGA RODRIGUES:

Você parece que falou que hoje a faculdade tem mais interesse na formação técnica, não é isso? No nosso tempo, no meu e no dele, não havia escola de jornalismo, pelo menos aqui, e que eu saiba apenas no Rio de Janeiro e São Paulo elas começavam a se ensaiar e Luiz Beltrão fazia um ensaio de escola, em Recife. Então, nós não tínhamos essa formação técnica, nós trabalhávamos de oitiva, quer dizer, nós aprendíamos a escrever, lendo e, como quem anda de bicicleta, escrever, escrevendo. Então, o que eu acho que marca a diferença é o seguinte: é que a maioria das pessoas que ia para o jornal, que abraçava a carreira, ia por vocação, ia por alguma tendência literária, tanto assim que grande parte do pessoal daquele tempo sempre terminava sendo escritor. Havia, sei lá, um entrelaçamento. Emão, a gente ia para o jornal e sempre quem ia para o jornal era sempre um poeta ou era um camarada com essa tendência. Ele sempre tinha a tendência de ler. A formação desse pessoal foi feita todinha através de leitura e de autodidatismo, todos nós éramos autodidatas. Poucos de nós terminamos ou fizemos qualquer curso regular, esse que Iza fez, esse que as meninas fizeram, Adalberto Barreto não é formado, eu não sou formado, a maioria não é formada. Severino Ramos veio tirar um curso depois.

Agora, quando veio o golpe de 64, o sistema entendeu que havia de limitar legalmente o exercício dessa profissão, Além da censura direta, aberta, da Polícia Federal e do Exército nas redações, diariamente vendo a pauta das redações, além disso, na origem de tudo, o sistema, a pretexto de regulamentar a profissão, editou uma lei estabelecendo que só podia ser jornalista quem tivesse curso de Jornalismo. Então, estados mais pobres, mais desfalcados, como a Paraíba, como o Rio Grande do Norte, como o Ceará, nós ficamos desempregados. A empresa, o jornal, para admitir um jornalista, o homem que escrevia o editorial, o homem que fazia a notícia, o homem que fazia o comentário, ela passou a contratar esse cidadão como um escriturário, com uma nomenclatura burocrática porque como jornalista ele não podia entrar porque a lei proibiu. Então, isso, a lei forçou a que se instalasse, se implantasse as escolas de jornalismo, menos para formar do que para regularizar essa situação. Nós não podíamos trabalhar. Depois veio uma lei permitindo que os que tivessem mais de cinco anos de exercício profissional, de



ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
CASA DE EPITÁCIO PESSOA

Agora, na verdade, quem formou o jornalista daquele tempo, aqui, no Rio de Janeiro, em São Paulo, foi a sua vocação literária, foi a sua vocação de leitor permanente, de curioso e de pessoa que tinha interesse em participar da vida nacional. Isso é o que eu posso te dizer.

A SENHORA IZA GUERRA:

Eu queria completar uma coisa. Eu ainda sou professora da universidade, ensino na UFRJ, no Rio de Janeiro.

A grande diferença é que para você ser um bom jornalista, você tem que estar dentro do leito que possibilite a sua criticidade, você tem que ser um cara crítico e hoje a universidade não está preocupada com isso. A universidade está preparando pessoas para os concursos, para o mercado de trabalho porque há como uma necessidade na sociedade para ela se manter, de não ter pessoas conscientes e pessoas críticas, do que está passando do nível das grandes decisões, do capital, das elites. Então, há como uma lavagem dos estudantes para que eles sejam técnicos, eficientes, competentes, segundo as normas que venham da matriz. O parâmetro de preparação é do centro de decisões, que pode ser um país governado por um imbecil, mas que o Brasil acha que é bom. Então, nós estamos fazendo jornalistas, e não é mais, só, jornalista, as universidades, as faculdades são de Comunicação de Multimídia para que você passe mensagens sem que você discuta, reflita e interrogue. Essa é que é a tragédia de hoje, da universidade.

A SENHORA PRESIDENTE SOCORRO RANGEL:

Bom, então, já bem atrasados para a próxima Mesa, vamos terminando, sabendo que o debate é impossível de terminar, na verdade. (Aplausos).

O SENHOR PRESIDENTE BELARMINO MARIANO NETO:

Boa-tarde.

Eu gostaria de solicitar às pessoas que se encontram no hall do auditório para vir para cá, para a gente iniciar essa segunda fase do nosso Seminário "A Memória Camponesa e as Ligas Camponesas na Paraíba".

Divisão de Tradução e Revisão Taquigráfica